

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**Faculdade de Educação**  
**Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática**



Dissertação de Mestrado

**Estamos preparando Licenciados/as da área de Ciências da Natureza para falar  
sobre Diversidade Sexual e de Gênero na Educação Básica?**

Uma investigação a partir do Ensino de Ciências

**Bruna Peres Viana**

Pelotas, 2021

**Bruna Peres Viana**

**Estamos preparando Licenciados/as da área de Ciências da Natureza para falar sobre Diversidade Sexual e de Gênero na Educação Básica?**

Uma investigação a partir do Ensino de Ciências

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática – Mestrado Profissional - da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática.

Orientador: Bruno dos Santos Pastoriza

Pelotas, 2021

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação na Publicação

V614e Viana, Bruna Peres

Estamos preparando licenciados/as da área de Ciências da Natureza para falar sobre diversidade sexual e de gênero na educação básica? : uma investigação a partir do ensino de ciências / Bruna Peres Viana ; Bruno dos Santos Pastoriza, orientador. — Pelotas, 2021.

83 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

1. Licenciatura. 2. Diversidade. 3. Sexualidade. 4. Gênero. 5. Ciência. I. Pastoriza, Bruno dos Santos, orient. II. Título.

CDD : 370.71

Bruna Peres Viana

Estamos preparando Licenciados/as da área de Ciências da Natureza para falar sobre Diversidade Sexual e de Gênero na Educação Básica?

Uma investigação a partir do Ensino de Ciências

Dissertação aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 09/03/2021

Banca examinadora:

.....

Prof. Dr. Bruno dos Santos Pastoriza (Orientador)

Doutor em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

.....

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Francele de Abreu Carlan

Doutora em Educação em Ciências pela Universidade Federal de Santa Maria

.....

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Angelita Hentges

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas

*“A opressão é um véu  
Transparente e adocicado num discurso de mel”  
(Lola Salles)*

## Resumo

VIANA, Bruna. **Estamos preparando Licenciados/as da área de Ciências da Natureza para falar sobre Diversidade Sexual e de Gênero na Educação Básica?** Uma investigação a partir do Ensino de Ciências. Orientador: Bruno dos Santos Pastoriza. 2021. 86p. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

A presente pesquisa objetiva analisar os posicionamentos, elementos, falas, abordagens e relações entre as discussões sobre Diversidade Sexual e de Gênero e sua articulação com materiais produzidos pela área de Ensino de Ciências e por Licenciandos/as da área das Ciências da Natureza. O trabalho analítico sobre os registros seguiu as orientações da Análise Textual Discursiva (ATD), dividindo os resultados em 3 *corpora* de análise. O Primeiro Corpus se apropria de um delineamento empírico com base em análise qualitativa e documental de dados, analisando produções do campo do Ensino de Ciências da Natureza. O segundo e terceiro *corpora* operam por meio da pesquisa participante para um recorte e delimitação da investigação, em que são indagadas as concepções de estudantes dos cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas, Licenciatura em Física e Licenciatura em Química, durante as aulas de uma turma de Prática Pedagógica II, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), Campus Pelotas-Visconde da Graça (CaVG) a respeito do tema. O Primeiro Corpus possui 4 Categorias finais, sendo elas: (i) *gênero e sexualidade abordados somente como questão biológica*; (ii) *obstáculos no ensino de temáticas relacionadas à Diversidade Sexual e de Gênero*; (iii) *sexismo e educação*; (iv) *relações de discurso e poder desenvolvidas para e na escola*. Essas unidades apontaram discussões exclusivas de educação sexual biológica na Educação Básica, ignorando questões sociais sobre Diversidade Sexual e de Gênero. O Segundo Corpus apresenta 2 Categorias Finais: (i) *comentários que demonstram interesse em falar sobre Diversidade Sexual e de Gênero em sala de aula*; (ii) *comentários que demonstram resistência a informações sobre a temática*. Conforme as unidades destas categorias, observa-se tanto abertura e interesse de docentes em formação para discutir Diversidade Sexual e de Gênero na Educação Básica, quanto resistência destes/as a receber e transmitir informações sobre a temática na escola. O Terceiro Corpus contém 3 Categorias Finais: (i) *a contradição presente no Ensino de Ciências*; (ii) *o desenvolvimento do senso crítico e do respeito como pontos-chave*; (iii) *o preconceito e seus efeitos: distanciamento, isolamento social e crimes à vida*. As categorias deste último corpus apresentaram unidades específicas sobre o desacordo entre discursos no Ensino de Ciências, a importância de se praticar o respeito e desenvolver o senso crítico educacional, visto que o preconceito sexual e de gênero pode causar efeitos negativos quanto à saúde psicológica e física de indivíduos LGBTs. Logo, a falta de preparo de docentes em formação para discutir a temática e a separação entre a opinião pessoal e a obrigação profissional são pontos explícitos que o fim desta pesquisa demonstra. Portanto, para auxiliar profissionais da educação, tanto graduados quanto em formação, este trabalho possibilitou a construção de uma plataforma digital que contém informações sobre Diversidade Sexual e de Gênero, como produto educacional, disponível gratuitamente.

**Palavras-Chave:** Licenciatura. Diversidade. Sexualidade. Gênero. Ciência.

## Abstract

VIANA, Bruna. **Are we preparing teachers of the Natural Science to talk about Sexual and Gender Diversity in Basic Education?** An investigation based on the Science Teaching. Advisor: Bruno dos Santos Patoriza. 2021. 86p. Dissertation (Master in Science Teaching) – Graduate Program in Science and Mathematics Teaching. Faculty of Education, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2021.

This research analyzes the positions, elements, speeches, approaches and relations between the discussions of Sexual and Gender Diversity and their articulation with the production of the Science Teaching area as well as by future teachers of Natural Sciences. The analysis of these productions followed the orientations of Discursive Textual Analysis (DTA), dividing the results into three analysis *corpora*. The analysis of the first corpus has an empirical outline based on qualitative and document analysis of data, focusing on productions of the Natural Sciences Teaching field. The second and third *corpora* operate through participatory research for the investigation delimitation. We investigated the conceptions of students and future teachers of Biology, Physics and Chemistry regarding this topic. The subjects were all taking part in a Pedagogical Practice II class, in the Federal Institute of Education, Science and Technology of Rio Grande do Sul (*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense - IFSul*). The first corpus has four categories: (i) *gender and sexuality addressed only as biological issues*; (ii) *obstacles to the teaching of themes related to Sexual and Gender Diversity*; (iii) *sexism and education and*; (iv) *discourse and power relations developed for and at school*. These units showed exclusive discussions of biological sex education in Basic Education, ignoring social issues about Sexual and Gender Diversity. The second corpus has two final categories: (i) *comments that show interest in talking about Sexual and Gender Diversity in the classroom and*; (ii) *comments that show resistance to information about the theme*. As per these categories, there is both openness and interest of future teachers in discussing Sexual and Gender Diversity in Basic Education, as well as resistance to receiving and transmitting information about this theme in the school. The third corpus contains three final categories: (i) *the contradiction that exists in Science Teaching*; (ii) *the development of discernment and respect as key points and*; (iii) *prejudice and its effects: distancing, social isolation and crimes against life*. The categories of this last corpus showed specific units about the disagreement between discourses in Science Teaching, the importance of practicing and developing educational discernment, since sexual and gender prejudice can cause negative effects on psychological and physical health of LGBT individuals. The lack of preparation for future teachers to discuss the theme and the separation between opinion and professional obligation are explicit points that the end of this research demonstrates. Therefore, to help education professionals, both still in training and already graduated, this work allowed for the creation of a digital platform that contains information about Sexual and Gender Diversity, as an educational product, available for free.

**Keywords:** Teaching. Diversity. Sexuality. Gender. Science.

## Lista de Figuras

Figura 1	Tirinha apresentada em aula.....	45
Figura 2	Tirinha apresentada em aula.....	47

## Lista de Tabelas

Tabela 1	Artigos utilizados na análise e obtidos após processo de refinamento da busca.....	13
Tabela 2	Cronograma para organização didática.....	15
Tabela 3	Período das atividades realizadas .....	16

## Sumário

1	<i>Introdução</i> .....	4
1.1	<b>Trajetória acadêmica</b> .....	4
1.2	<b>Problema de pesquisa, objetivos e produto</b> .....	5
1.3	<b>Justificativa</b> .....	6
2	<i>Metodologia</i> .....	9
2.1	<b>Primeiro corpus de pesquisa</b> .....	10
2.2	<b>Segundo corpus de pesquisa</b> .....	12
2.3	<b>Terceiro corpus de pesquisa</b> .....	15
3	<i>Primeiro Corpus: Diversidade Sexual e de Gênero nas Produções voltadas ao Ensino de Ciências da Natureza</i> .....	16
3.1	<b>Categoria I – Gênero e sexualidade abordados somente como questão biológica</b> .....	18
3.2	<b>Categoria II – Obstáculos no ensino de temáticas relacionadas à Diversidade Sexual e de Gênero</b> .....	21
3.3	<b>Categoria III – Sexismo e educação</b> .....	27
3.4	<b>Categoria IV – Relações de discurso e poder desenvolvidas para e na escola</b> .....	30
3.5	<b>Considerações do primeiro corpus de pesquisa</b> Erro! Indicador não definido.	
4	<i>Segundo Corpus: Discursos sobre Diversidade Sexual e de Gênero em uma turma de estudantes de Licenciatura em Ciências da Natureza</i> .....	33
4.1	<b>Categoria V – Comentários que demonstram interesse em falar sobre Diversidade Sexual e de Gênero em sala de aula</b> .....	36
4.2	<b>Categoria VI - Comentários que demonstram resistência a informações sobre a temática</b> .....	44
5	<i>Terceiro Corpus: Atividades com a temática Diversidade Sexual e de Gênero realizadas por estudantes de Licenciatura em Ciências da Natureza</i> .....	49

<b>5.1</b>	<b>Categoria VII - A contradição presente no Ensino de Ciências ...</b>	<b>54</b>
<b>5.2</b>	<b>Categoria VIII - O desenvolvimento do senso crítico e do respeito como pontos-chave .....</b>	<b>56</b>
<b>5.3</b>	<b>Categoria IX - O preconceito e seus efeitos: distanciamento, isolamento social e crimes à vida.....</b>	<b>57</b>
<i>6</i>	<i>Considerações Finais .....</i>	<i>60</i>
	<i>Referências.....</i>	<i>65</i>
	<i>Apêndices.....</i>	<i>73</i>
	<b>Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....</b>	<b>74</b>
	<b>Apêndice B - Fichas de avaliação de Livros Didáticos de Biologia – PNLD 2018/Ensino Médio .....</b>	<b>76</b>
	<b>Apêndice C – Proposta de atividade prática .....</b>	<b>81</b>
	<b>Apêndice D – Ficha de avaliação da proposta de atividade .....</b>	<b>82</b>

## 1 Introdução

### 1.1 Trajetória acadêmica

Discutir Diversidade Sexual e de Gênero, neste momento histórico em que me encontro, é mais comum (felizmente) do que há alguns anos atrás, portanto decidi expor, antes de tudo, os caminhos que me levaram a esta área de pesquisa.

Meu percurso escolar começou aos 5 anos de idade, no ano 2000, em uma escola de origem luterana, num nível de escolaridade denominado, naquela época, de Pré-B. Fui uma dentre os quatro alunos da turma que aprendeu a ler naquele ano. Dois anos depois, na segunda série do ensino fundamental, enquanto comia meu lanche no pátio da escola durante o recreio, um grupo de 3 colegas se aproximou para me fazer companhia, porém uma delas resolveu dizer a seguinte frase à menina que sentou do meu lado: “Não senta perto dela, tu vai ficar pretinha que nem ela!”. Foi a primeira vez que sofri discriminação consciente disso, pois a sensação de ouvir aquelas palavras não foi das melhores; mal sabia eu que era apenas o começo.

Durante o ensino fundamental, meus colegas de classe mencionavam diversos adjetivos a mim pela minha maneira de agir, meus gostos esportivos, meu cabelo preso, minhas roupas largas, até mesmo meu jeito de andar. Eu não gostava, mas não entendia direito o que aquelas palavras significavam e, talvez, nem eles.

No início do Ensino Médio eu tive consciência da minha orientação sexual, da minha expressão de gênero e de todo o preconceito que isso trazia para mim, principalmente dentro daquela escola; mas não foi esta a instituição que me concedeu essas informações. Para minha desventura, aprendi com a convivência social fora da escola e com a discriminação que me mostrou sua razão de se direcionar a mim, com palavras ofensivas e olhares de desprezo, com a depressão e a ansiedade por não poder escolher ser como todo mundo era: “normal”.

Terminada a educação básica, minha mãe disse que eu *tinha* que entrar em uma graduação. Eu passei no processo seletivo e entrei no curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Pelotas, mesmo não querendo ser professora e muito menos estudar matemática. Fiquei quase um semestre no curso, no qual era chamada de “ele” pelos professores que se interessavam em direcionar a palavra a

mim; outros não faziam nem questão disso. Percebi que a minha área era a ciência, especificamente, a Biologia e decidi sair daquele curso sem futuro para mim. Entrei na Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal Sul-rio-grandense no segundo semestre daquele mesmo ano, mas devido à greve de 6 meses, comecei a estudar no ano seguinte. Adorava o curso, até o momento de apresentar um trabalho na frente dos colegas, em que tive febre e minha pressão caiu. Não apresentei por conta da péssima sensação que senti ao ter 40 pessoas me olhando.

Entre no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, momento acadêmico mais importante da minha vida, porque eu percebi que realmente era apaixonada pela educação, pela arte de ensinar e tudo que a Licenciatura carrega depois de um discurso motivacional que uma professora do meu curso fez após eu surtar durante a apresentação de um trabalho.

Durante meus estágios, passei por situações desagradáveis com a equipe diretiva e professores/professoras de algumas escolas, por conta de minha expressão de gênero e orientação sexual, pois não se encaixarem no padrão social heteronormativo. Então, decidi trabalhar com Diversidade Sexual e de Gênero na Educação no meu Trabalho de Conclusão de Curso, investigando situações vivenciadas, dentro das escolas, por professores e professoras homossexuais, se e como os acontecimentos interferiam no trabalho do/da educador/educadora.

No Trabalho de Conclusão de Curso pude evidenciar que professores e professoras com orientação sexual diferente da heterossexual ainda sofrem com a discriminação e o preconceito em seus locais de trabalho. E, após tudo isso, ao lembrar dos sonhos de criança, em que na adolescência desejava trabalhar na polícia para impor respeito com as próprias mãos, tive a consciência de combater a violência com a educação e ser uma Professora que estabelece e propaga respeito por meio do desenvolvimento do intelecto e dos sujeitos. É disso que se trata, pois, esta pesquisa.

## 1.2 Problema de pesquisa, objetivos e produto

Este trabalho busca investigar o seguinte problema de pesquisa: seja por meio das discussões teóricas da área do Ensino de Ciências, seja nos processos de sala

de aula, estamos preparando Licenciados/as da área de Ciências da Natureza para falar sobre Diversidade Sexual e de Gênero na Educação Básica?

Com esse questionamento, traço o objetivo de analisar os posicionamentos, elementos, falas, abordagens e relações sobre as discussões a respeito do tema Diversidade Sexual e de Gênero e sua articulação com materiais produzidos pela área de Ensino de Ciências e por Licenciandos/as da área das Ciências da Natureza.

Para fazer isso, analiso produções do campo do Ensino de Ciências da Natureza, bem como, operando por meio de um recorte e delimitação da pesquisa, investigo as concepções de estudantes dos cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas, Licenciatura em Física e Licenciatura em Química, em uma turma de Prática Pedagógica II, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), Campus Pelotas-Visconde da Graça (CaVG) a respeito do tema.

Ao realizar essa investigação, temas como gênero, sexo biológico, identidade de gênero, orientação sexual e expressão de gênero emergem como conceitos centrais na pesquisa. Igualmente, no processo de pesquisa participante com Licenciandos/as, problematizo o conhecimento sobre esses conceitos na formação do campo das Ciências.

Com esses movimentos de pesquisa, pude construir um material sobre a temática, como produto final da dissertação. Dado o fato de ter evidenciado na pesquisa a pouca disponibilidade de informação e a ausência de visibilidade sobre questões relacionadas à Diversidade Sexual e de Gênero, esse produto educacional tem o objetivo de disponibilizar (principalmente à comunidade acadêmica e escolar) informações sobre Diversidade Sexual e de Gênero em vídeos, manuais, textos acadêmicos e plataformas digitais, que complementam os principais pontos e/ou deficiências que evidenciei durante a pesquisa. Em grande parte, ao invés de criações próprias, esse produto educacional visa ser um espaço de organização de materiais, que poderá ser constantemente atualizado.

### 1.3 Justificativa

A falta de discussões e materiais de apoio ao ensino e à aprendizagem, bem como a carência de discussões sobre a temática Diversidade Sexual e de Gênero

durante minha trajetória acadêmica, fizeram com que a importância de manifestos e debates sobre o tema para a educação se tornassem minha área de pesquisa. Como professora licenciada em Ciências Biológicas, procuro conhecer as curiosidades e dúvidas dos alunos e das alunas, buscando explicar informações pouco conhecidas ou retificar as equivocadas do ponto de vista educacional, visando o aprimoramento da educação científica e social.

Discutir informações relacionadas à Diversidade Sexual e de Gênero é um exercício de analisar diferentes aspectos da sociedade em termos daquilo que se fala, produz, organiza e de como tais elementos são gestados. Tal discussão também se mostra dependente de fatores como a cultura e o momento histórico no qual a sociedade está inserida, a maneira como se pensa sobre um assunto e como seus significados se apresentam em termos de sua realidade existencial. Para Louro (2003, p. 21),

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai construir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico.

A heteronormatividade e o viés biológico que se apresentam às temáticas na escola é uma questão complexa, pois carrega posicionamentos, por vezes, discriminatórios e preconceituosos, reproduzidos no próprio ambiente escolar (LOURO, 2003). Uma forma conveniente para se evitar a marginalização de grupos sociais e culturais é questionar seus próprios posicionamentos, crenças e ideias como professor e professora. Para Junqueira (2009, p. 178), visibilizar a diversidade no processo educacional

[...] pressupõe o empenho em desestabilizar qualquer pretensão, ressentimento, intolerância ou ódio alimentados pelo “narcisismo das pequenas diferenças”. Requer, portanto, o desenvolvimento de uma postura de abertura em relação ao “outro”: de acolhimento, de reconhecimento da diferença como legítima e de rediscussão acerca dos processos que a produzem e dos mecanismos de distinção e hierarquização entre os sujeitos, tendo em vista que o reconhecimento da diferença é “um ponto de partida de um longo e talvez tortuoso processo político, mas no limite benéfico.

A divulgação de informações com base em pesquisas acadêmicas e científicas sobre Diversidade Sexual e de Gênero para docentes, que atuam na área da educação, ou ainda em formação, pode cientificar e evitar expressões e ações de

cunho discriminatório, promovendo um ambiente profissional e social mais respeitoso a partir do conhecimento e da visibilidade.

Em vista disso, esta pesquisa está baseada na análise de produções do campo da Educação em Ciências da Natureza relacionadas com a temática Diversidade Sexual e de Gênero, nas discussões realizadas por estudantes dos cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas, Licenciatura em Física e Licenciatura em Química no decorrer das aulas da graduação e em trabalhos produzidos pelos/as acadêmicos/as no final deste período.

## 2 Metodologia

Para a realização deste trabalho foram utilizados três *corpora* de pesquisa, sendo o primeiro direcionado a uma análise qualitativa e documental dos dados e o segundo e terceiro de delineamento empírico com base nas análises realizadas a partir de um contexto de investigação com discentes do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Licenciatura em Física e Licenciatura em Química, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), Campus Pelotas-Visconde da Graça (CaVG).

Em relação à estratégia de análise do primeiro *corpus*, segundo Lüdke e André (1986, p. 38), “a análise documental pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema”. O processo analítico de documentos trata-se basicamente de “escavação” material, ou seja, imersão no meio de pesquisas científicas e acadêmicas em que se deseja esclarecer os objetivos do trabalho, utilizando da investigação de dados para a criação das categorias de análise relacionadas ao conteúdo apresentado nos textos selecionados.

O segundo e o terceiro *corpora* de pesquisa também contam com um delineamento empírico com base em análise qualitativa, porém, diferente do anterior, segue os princípios da pesquisa participante, que, segundo Demo (1984, p.112),

[...] busca a identificação totalizante entre sujeito e objeto, de tal sorte a eliminar a característica de objeto. A população pesquisada é motivada a participar da pesquisa como agente ativo, produzindo conhecimento, e intervindo na realidade própria. A pesquisa torna-se instrumento no sentido de possibilitar à comunidade assumir seu próprio destino. Ao pesquisador que vem de fora cabe identificar-se ideologicamente com a comunidade, assumindo sua proposta política, a serviço da qual se coloca a pesquisa.

Uma vez que tanto na pesquisa documental quanto na pesquisa participante é possível construir registros e, a partir de sua análise, organizar as compreensões do tema abordado, suas limitações, suas características etc., o trabalho analítico sobre esses registros, construídos com os três *corpora* de pesquisa, seguirão as orientações da Análise Textual Discursiva (ATD), que tem como fundamento, no exercício da escrita, a mediação na elaboração de significados, em que o pesquisador realiza um

movimento intenso de interpretação e produção de argumentos (MORAES; GALIAZZI, 2006).

Essa tipologia analítica de pesquisa inicia-se em um processo chamado de unitarização, no qual os materiais coletados são selecionados e divididos em unidades de significado. Neste trabalho, cada uma das unidades foi codificada com o sistema letra-número arábico-letra-algarismo romano. Nesse processo, a primeira letra utilizada é a letra “U”, a qual remete a palavra unidade. O número arábico nesse código correspondente à ordem em que a unidade se encontra no texto analisado. A segunda letra utilizada remete à identificação do texto analisado e, ao fim, a categoria onde se situa a unidade está evidenciada por um algarismo romano. Por exemplo, o código U1A1 se refere à primeira unidade (U1) criada a partir da análise do artigo “A inserção de conteúdos sobre identidade de gênero na escola: uma visão a partir de noções sobre conhecimento/saberes” (A), relacionada com a primeira categoria do primeiro corpus e análise (I).

Logo após a realização da unitarização, pela ATD se inicia o processo de categorização, em que são articuladas as unidades de significado semelhantes. Então, tal método possibilita a construção de metatextos analíticos que irão instituir os textos interpretativos. Neste trabalho, este próprio texto em que se materializa a dissertação apresenta-se como o metatexto do processo de investigação.

Na presente pesquisa, o primeiro *corpus* é composto pelas unidades de significado que foram separadas a partir dos textos analisados, as unidades do segundo *corpus* foram criadas a partir da análise das falas realizadas durante o período de Prática de Estágio Supervisionado e para a construção do terceiro corpus explorei as respostas escritas e/ou faladas efetuadas pelos/pelas estudantes para as tarefas solicitadas em sala de aula.

## 2.1 Primeiro corpus de pesquisa

Para a seleção do primeiro *corpus* da pesquisa foram utilizados artigos resultantes de uma busca no Portal de Periódicos da CAPES. Foram encontrados 8.439 documentos referentes aos termos de busca: *gênero educação ciências; orientação sexual educação ciências; sexualidade educação ciências; identidade gênero educação ciências*, em uma investigação desenvolvida no segundo semestre

de 2018. Todavia, uma vez que tais termos resultaram em produções de caráter específico e centrado em muitos campos do saber, como trabalhos no campo da medicina, serviço social, sociologia, dentre muitos outros, mas cujos focos não se detinham ao campo do Ensino de Ciências, todos os textos foram refinados. Para isso, foram selecionados aqueles cujas características se limitavam apenas a artigos revisados por pares, com data de publicação entre os anos 2000 a 2018 e que fossem voltados, especificamente, ao Ensino de Ciências no contexto escolarizado. Após o refinamento foi possível obter 12 textos que apresentavam conteúdo referente tanto aos termos utilizados para a pesquisa, quanto à linha temática da investigação (tabela 1).

**Tabela 1: artigos utilizados na análise e obtidos após processo de refinamento da busca.**

Revista	Autor	Título	Ano
Research, Society and Development	Santana, J.; Santos, V.	A inserção de conteúdos sobre identidade de gênero na escola: Uma visão a partir de noções sobre conhecimento/saberes	2018
Revista Tecné, Episteme y Didaxis: TED	Souza, M.	Partilhando uma experiência de ensino sobre gênero e sexualidade em um curso de formação de professores de Ciências e Biologia	2014
Revista on line de Política e Gestão Educacional	Pessoa, E.	Políticas Públicas, a atuação docente e o desenvolvimento de habilidades: gênero e sexualidades na educação básica	2012
Revista Exitus	Martines, E.; Rossarolla, J.	Sexo e sexualidade: tabu, polêmica ou conceitos polissêmicos? Reflexões sobre/para a formação de educadores	2018
Rev. Ensaio	Martins, E.; Hoffmann, Z.	Os Papéis de gênero nos Livros Didáticos de Ciências	2007
Psicologia & Sociedade	Tonatto, S.; Sapiro, C.	Os novos parâmetros curriculares das escolas brasileiras e educação sexual: uma proposta de intervenção em Ciências	2002
Revista Ciência & Educação	Coelho, L.; Campos, L.	Diversidade sexual e ensino de ciências: buscando sentidos	2015
HOLOS	Guizzo, B.; Ripoll, D.	Gênero e sexualidade na educação básica e na formação de professores: limites e possibilidades	2015

Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia	Lima, A; Siqueira, V.	Ensino de Gênero e Sexualidade: diálogo com a perspectiva de currículo CTS	2013
Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias	Barros, S.; Ribeiro, P.	Educação para a sexualidade: uma questão transversal ou disciplinar no currículo escolar?	2012
Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud	Giraldo-Gil, E.	Revisando las Prácticas Educativas: una Mirada Posmoderna a la Relación Género-Currículo	2014
Revista Tecné, Episteme y Didaxis: TED.	Santos, F.; Souza, M.	Corpo, gênero e sexualidade na escola: sob um fio de malabarismo em sala de aula	2014

Fonte: a autora.

A análise dos textos por meio da ATD permitiu a construção de unidades de sentido, as quais puderam ser organizadas em 7 categorias iniciais, e orientaram a construção de 4 categorias finais.

## 2.2 Segundo corpus de pesquisa

O segundo *corpus* de pesquisa teve como base analítica transcrições dos áudios de aulas que ministrei enquanto cursava a cadeira de Prática de Estágio Supervisionado do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), que se caracteriza pelo momento de ação docente e é orientada ao longo do processo de formação em nível de pós-graduação. Esse exercício da docência foi desenvolvido em uma disciplina ofertada pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), Campus Pelotas-Visconde da Graça (CaVG), a discentes dos cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas, Licenciatura em Física e Licenciatura em Química, intitulada Prática Pedagógica II. A ementa da disciplina propunha introduzir os princípios de planejamento educacional em consonância com as diferentes vertentes epistemo-metodológicas da prática pedagógica a partir de observação e análise de planejamentos na Educação Básica, além de projetar o estudo teórico-prático das diferentes teorias do currículo e da avaliação de processos pedagógicos e suas implicações na configuração do Projeto Político Pedagógico.

A metodologia selecionada e utilizada para conquistar os objetivos deste trabalho, para este segundo *corpus*, foi a Pesquisa Participante, pois, segundo

Brandão (1984, p. 112), tal processo evidencia o entendimento de que “a participação da população na esfera das decisões deve ser um objetivo presente em todas as etapas do processo”.

Tratando-se da supervisão do desenvolvimento de uma turma de professores/as em formação na área de Ciências da Natureza, por uma mestranda da mesma área de trabalho, esta metodologia mostrou-se relevante para esta pesquisa, pois, conforme Haguette (1987, p. 144), na pesquisa participante, “não existe uma fase de ‘trabalho de campo’ como na pesquisa tradicional, mas uma geração de conhecimento dentro da ação da pesquisa onde pesquisadores profissionais e população interessada se beneficiam mutuamente da experiência uns dos outros”.

Logo, como pesquisadora, para tomar conhecimento da realidade em que a turma se encontrava, encontrei-me com a professora titular da turma 2 vezes antes de começar a ministrar, justamente para conhecer melhor os/as estudantes. Após as reuniões, analisei 6 aulas da docente, tanto para observar o comportamento da turma, quanto para que eles/elas se habituassem com a minha presença em sala.

As aulas aconteceram durante os meses de setembro e outubro de 2019, à noite, sendo dois períodos de 45 minutos cada na terça-feira, tendo início às 19h e terminando às 20h e 30 min, e na quarta-feira apenas uma aula das 19h às 19h 45min. A turma contava com 22 pessoas matriculadas na disciplina, que, embora ofertada no 5º semestre das Licenciaturas, apresentava estudantes de outros momentos da graduação, pois, dados os pré-requisitos, como Prática Pedagógica I, para Prática Pedagógica II, essa disciplina recebe discentes fora da seriação aconselhada.

Para a realização da atividade docente e de pesquisa, foi estabelecido com o orientador da dissertação e com a professora da turma um cronograma de acompanhamento, contendo o que estava planejado para cada momento das aulas e vislumbrando os interesses da pesquisa (tabela 2).

O foco principal do planejamento foi observar e analisar as informações e os conhecimentos empíricos sobre Diversidade Sexual e de Gênero que poderiam estar presentes nos discursos dos/das estudantes. Consoante a isso, o planejamento foi organizado para pesquisar as metodologias necessárias para orientar e organizar

cientificamente estas concepções, pois, segundo Haguette (1987, p. 129), a Pesquisa Participante é uma investigação

Em que existe um trabalho orgânico de assessoria para que a investigação se converta em uma investigação orgânica; em outras palavras, quando a participação se situa no processo orgânico de produção de conhecimento, no qual o conhecimento popular espontâneo transforma-se em conhecimento popular orgânico (conhecimento científico organizado).

**Tabela 2: cronograma para organização didática.**

<b>Atividade</b>	<b>Período da Atividade</b>	<b>Descrição da Atividade</b>
<b>Aula 1 - 10/09/2019</b>	1º período	- Formação das duplas para a proposta de atividade. - Apresentação da minha trajetória acadêmica. - Tempo para perguntas.
<b>Aula 1 – 10/09/2019</b>	2º período	- Apresentação: sigla LGBT, biscoito da sexualidade, charges da Laerte e a associação da temática com a Educação Básica.
<b>Aula 2 – 11/09/2019</b>	1º período	- Retomada da aula anterior. - Leitura e reflexão sobre a música Etérea – Criolo. - Exercício de percepção e contextualização de discursos.
<b>Aula 3 – 17/09/2019</b>	1º período	- Retomada da aula anterior. - Separação da turma em 3 grupos. - Apresentação da proposta da análise de Livro Didático. - Pesquisa e realização da atividade ficha de avaliação de Livros Didáticos.
<b>Aula 3 – 17/09/2019</b>	2º período	- Pesquisa e realização da atividade ficha de avaliação de Livros Didáticos.
<b>Aula 4 – 18/09/2019</b>	1º período	-Retomada da aula anterior - Exposição e discussão sobre as respostas encontradas a partir da atividade ficha de avaliação de Livros Didáticos. - Apresentação da proposta de atividade prática.
<b>Aula 5 – 24/09/2019</b>	1º período	- Proposta de atividade prática: apresentação de 2 duplas.
<b>Aula 5 – 24/09/2019</b>	2º período	- Proposta de atividade prática: apresentação de 2 duplas.
<b>Aula 6 – 25/09/2019</b>	1º período	- Proposta de atividade prática: apresentação de 2 duplas.
<b>Aula 7 – 01/10/2019</b>	1º período	- Proposta de atividade prática: apresentação de 2 duplas.
<b>Aula 7 – 01/10/2019</b>	2º período	- Proposta de atividade prática: apresentação de 2 duplas.
<b>Aula 8 – 02/10/2019</b>	1º período	- Proposta de atividade prática: apresentação de 2 duplas. - Encerramento da Prática de Estágio Supervisionado.

Fonte: a autora.

Todas as aulas foram gravadas em formato de áudio e foi obtida a autorização dos/das discentes para o uso do material nesta pesquisa por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido apresentado no apêndice A. As discussões realizadas no período das aulas possibilitaram a criação de 2 categorias finais.

### 2.3 Terceiro corpus de pesquisa

O terceiro corpus de pesquisa teve como base analítica, assim como o segundo corpus, a pesquisa participante que, segundo Demo (1984, p. 112), “não é somente possível, mas necessária para repormos a inter-relação dinâmica entre teoria e prática”, pois esta metodologia “realiza as marcas típicas deste relacionamento dialético: traduz a teoria numa opção concreta não somente tentando-a com a realidade concreta, mas sobretudo realizando e explicitando a opção política e ideológica contida”.

Nesta etapa da pesquisa, seu foco de análise e a organização de seus materiais teve por mote as respostas preenchidas pelos/as estudantes para a *Ficha de avaliação de Livros Didáticos de Biologia – PNLD 2018/Ensino Médio* (apêndice B), que foi adaptada e utilizada em aula a partir da ficha de análise de Livros Didáticos de Biologia Ensino Médio, divulgada pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2018 (apêndice C), e as transcrições dos áudios das aulas em que foram apresentados os trabalhos da proposta de atividade prática. Essas atividades foram desenvolvidas durante as aulas descritas na Tabela 3.

**Tabela 3: período das atividades realizadas.**

<b>Aula 4 – 18/09/2019</b>	1º período	-Retomada da aula anterior - Exposição e discussão sobre as respostas encontradas a partir da atividade ficha de avaliação de Livros Didáticos. - Apresentação da proposta de atividade prática.
<b>Aula 5 – 24/09/2019</b>	1º período	- Proposta de atividade prática: apresentação de 2 duplas.
<b>Aula 5 – 24/09/2019</b>	2º período	- Proposta de atividade prática: apresentação de 2 duplas.
<b>Aula 6 – 25/09/2019</b>	1º período	- Proposta de atividade prática: apresentação de 2 duplas.
<b>Aula 7 – 01/10/2019</b>	1º período	- Proposta de atividade prática: apresentação de 2 duplas.
<b>Aula 7 – 01/10/2019</b>	2º período	- Proposta de atividade prática: apresentação de 2 duplas.
<b>Aula 8 – 02/10/2019</b>	1º período	- Proposta de atividade prática: apresentação de 2 duplas. - Encerramento da Prática de Estágio Supervisionado.

Fonte: a autora.

No momento de transcrever os áudios, a falta de nitidez impossibilitou a compreensão das gravações das aulas dos dias 18 e 25 de setembro, porém, os documentos obtidos na ficha de avaliação e as transcrições dos áudios das demais aulas possibilitaram, a partir da unitarização de dados, a criação de 3 categorias finais para este corpus de pesquisa.

### **3 Primeiro Corpus: Diversidade Sexual e de Gênero nas Produções voltadas ao Ensino de Ciências da Natureza<sup>1</sup>**

Diversidade Sexual e de Gênero é um termo empregado, dentre outros possíveis, para tratar tanto da diversidade sexual humana quanto da diversidade social de gênero (LIONÇO; DINIZ, 2008). Esse termo é aqui utilizado visto que melhor integra questões relacionadas às discussões apresentadas. Outros termos como relações de gênero, gênero e diversidade sexual ou diversidade, gênero e sexualidade, embora tenham relação com o mote do estudo, não trazem a potencialidade explicativa e organizacional desejada pela pesquisa, embora, em outros contextos, também sejam legítimos.

Assim, neste capítulo serão apresentadas e discutidas as categorias finais do primeiro corpus de pesquisa e suas unidades criadas a partir do processo analítico realizado sobre os textos encontrados no Portal de Periódicos da CAPES/MEC, seguindo a proposta metodológica anteriormente apresentada. Os artigos selecionados foram minuciosamente analisados e unitarizados, movimento que orientou a criação das seguintes categorias finais: *gênero e sexualidade abordados somente como questão biológica; obstáculos no ensino de temáticas relacionadas à Diversidade Sexual e de Gênero; Sexismo e Educação; relações de discurso e poder desenvolvidas para e na escola.*

Cabe destacar que os materiais componentes desta primeira etapa analítica da pesquisa abarcam, no recorte estabelecido, posicionamentos, formas de discussão e elementos teóricos que tendem a caracterizar a área das Ciências Naturais. Efetivamente, em conformidade com a proposta da ADT e sua articulação entre a Análise de Conteúdo e Análise de Discurso, cabe destacar que no momento em que determinadas unidades compõem uma categoria (ou, mesmo, aparecem em mais de uma categoria), sua individualidade enquanto “unidade” é posta na relação que estabelece com as demais unidades, não sendo caracterizada mais como “o texto” de uma autora ou um autor X, mas uma construção que se dispersa num determinado conjunto de construções que caracterizarão aquela categoria. Por essa perspectiva é

---

<sup>1</sup> O texto desse item foi publicado, com pequenas alterações, em um periódico da área de Educação em Ciências.

que os textos analisados aqui, quando pertencentes ao corpus investigado, não serão referenciados na forma “autor-data”, mas na forma e codificação das próprias unidades criadas e sua relação com a categoria em discussão. Assumindo, ainda, a relação dos elementos da análise com a ampliação das unidades e categorias a outras problematizações teóricas, tais elementos, na composição do meta-texto, são articulados com outros textos vinculados à temática da pesquisa – sendo estes, sim, referenciados no formato clássico “autor-data”.

A primeira categoria é composta por unidades de significado que discutem e expõem concepções que relacionam à Diversidade Sexual e de Gênero no conteúdo de Ciências apresentado nas escolas com a temática envolvendo anatomia humana e propriedades morfológicas e fisiológicas do corpo. As características encontradas nas interpretações dos discursos que compõem a segunda categoria, *obstáculos no ensino de temáticas relacionadas à Diversidade Sexual e de Gênero*, evidenciaram a questão central como sendo o direcionamento dos debates acerca do tema gênero e orientação sexual aos/às professores/professoras de Ciências da Natureza, além de enunciarem a dificuldade de apresentar e discutir conceitos relacionados ao assunto. A conexão entre Diversidade Sexual e de Gênero foi identificada na análise das unidades e na criação da terceira categoria, chamada *Sexismo e Educação*, levando à reflexão e avaliação crítica de movimentos discriminatórios e preconceituosos, tanto em ambientes escolares, como na sociedade mundial. Já a quarta e última categoria explora a base dos discursos encontrados nesta e nas categorias anteriores, que englobam relações de poder, controle social e de regras culturais e historicidade da sociedade, tendo Diversidade Sexual e de Gênero como foco temático.

### 3.1 Categoria I – Gênero e sexualidade abordados somente como questão biológica

A análise empreendida pôde evidenciar que a maioria dos materiais constituintes do *corpus* relacionava a temática Diversidade Sexual e de Gênero na escola com o(a) professor(a) de Ciências da Natureza. Preferencialmente, docentes desta área tendem a discutir assuntos referentes à sexualidade e questões de gênero, pois há um vínculo do conteúdo com a Educação Sexual, tanto em parte anatômica humana, quanto em levantamentos sobre reprodução.

Segundo Jesus (2012), identidade de gênero é conceituada como “gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento” (p. 24). Com essa conceituação, quando uma questão sobre identidade de gênero, gênero, sexo ou orientação sexual é levantada em sala de aula, os textos analisados encaminham que o desconforto é imediato e evidente, seja a pergunta feita pelo/pela professor/professora aos alunos(as), ou o contrário, como mostra um fragmento da fala de uma professora na unidade U9II: “A gente começou a entrar por reprodução, porque entra, também, no tema ‘Sexualidade’, eles se fecham. Eles não gostam. Pelo menos assim, a experiência que eu tenho. Eles não gostam de falar do tema abertamente”. A falta de confiança e abertura para discutir esta temática, como já evidenciado, causa um enorme silêncio na sala, um desvio de assunto ou, na pior das hipóteses, a apresentação de informações de cunho discriminatório ou preconceituoso para indivíduos que buscam referência e conhecimento. Logo, por serem pontos diretamente ligados ao corpo humano e à maneira como ele se expressa, a fonte para obtenção e compressão dos dados tende a ser associada a um professor ou uma professora de Ciências, uma vez que estes obtêm formação na área em que se estuda estruturas anatômicas e fisiológicas, já que, conforme se observa nas produções, há casos em que

A maior parte dos alunos [...] disse nunca ter discutido na escola sobre diversidade sexual. As falas indicam, que os alunos reconhecem a necessidade de que o tema seja abordado na escola, e, segundo eles, a discussão, provavelmente, ocorreria na disciplina de Ciências, por ser uma matéria que inclui corpo humano e reprodução (U11GI).

Entretanto, é importante reconhecer que questões sociais deveriam ser, e por vezes são, discutidas por educadores de diversas áreas em instituições de ensino,

como Pessoa (2012, p. 45) dá o exemplo do campo de licenciados em sociologia, em que

[...] o professor(a) de sociologia deve estar atento a esta realidade, fazendo discussões que extrapolem uma visão biologizada das sexualidades e dos gêneros, desnaturalizando estes conceitos e demonstrando que somos sujeitos pertencentes a um espaço e uma realidade social, que fabrica normas, verdades e colocam limites para viver estas características humanas.

Ou seja, a ideia e a compreensão de que argumentos relacionados à temática Diversidade Sexual e de Gênero são construções sociais – e portanto não limitadas a uma disciplina – é insuficientemente divulgada em nossa cultura, como evidente na unidade U12GI, que diz ser o ensino de Ciências frequentemente “o único momento em que ocorrem ações voltadas ao debate da sexualidade na escola, e nele continua a ser apresentado um corpo e uma sexualidade desconectados de questões históricas e sociais.”

Ainda quando apresentada a temática sexualidade aos alunos e alunas em sala de aula, volta-se à discussão, exclusivamente, ao campo biológico, pois o foco da discussão limita-se à Educação Sexual direcionada à saúde e à prevenção, tanto de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), quanto de gravidez precoce ou indesejada, sendo possível evidenciar que nas escolas as orientações “na área da sexualidade nunca são focadas para a Diversidade Sexual. É só pra gravidez na adolescência, têm os projetos lá de prevenção de gravidez, de prevenção de doença” (U14GI). Segundo Lionço e Diniz (2009, p. 54), “assim consideradas, tais medidas não atravessam a experiência de desejo e prazer na relação sexual como vivência afetiva e social, que supera a dimensão biológica do sexo e suas consequências”.

Esses elementos são encontrados também em discursos existentes, mas não evidentes, para grande parte de indivíduos que não possuem a informação e o conhecimento necessário para identificar a massiva ação de uma ideia heteronormativa, como evidenciado em falas de professores e de professoras de Ciências da Natureza e pesquisados na área científica: “a escola não quer falar sobre esse assunto por medo dois pais...”(U5DII); “...a emoção que experimentei foi de medo de tomar posicionamento, então me calei.”(U8DIV); “as significações sobre sexualidade atendem a interesses da classe dominante...” (U5GIV); “...a força de uma imagem mostrando um casal homossexual e feliz é intolerável dentro do ambiente

escolar.” (U6HIV); “...os conhecimentos estão organizados de forma rígida e hierárquica no currículo escolar...” (U1JIV). Mais preocupante que essa restrição à fala desses temas é a associação exclusiva de sua ocorrência na disciplina escolar de Biologia, como se tais questões não percorressem outros aspectos da vida e de estudos disciplinares. É possível assumir que as barreiras em falas como as acima citadas são apenas reforçadas por essa compartimentalização biológica da temática Diversidade Sexual e de Gênero, uma vez que quanto menos e poucos espaços falam de algo, maior a capacidade de controle e menores os impactos desse algo (FRIZZO; CARVALHO, 2018).

Sendo assim, a necessidade de se produzir materiais adequados com referência atualizada é reconhecida por alguns professores e algumas professoras, mas a acessibilidade para tais objetos de trabalho e de estudo pode ser a barreira que impede o alcance destas informações, como evidenciado na unidade U2F1, que indica que os docentes, ocasionalmente, percebem a necessidade de aderir à expressões mais abertas quando se discute Diversidade Sexual e de Gênero na escola, porém, não dispõem de “subsídios adequados para trabalhar essas questões” (U2F1). Segundo Junqueira (2009, p. 178), as escolas

[...] precisariam ser acompanhadas de uma permanente discussão dos conteúdos curriculares e das formas de ensinar, aprender e conviver. Não menos importantes seriam os esforços para garantir maior autonomia ao espaço escolar em relação a outros campos privados de formação, bem como para construir uma escola mais democrática.

Metodologias diferenciadas e apropriadas para o momento histórico atual, que visem a exposição do tema central desta pesquisa em sala de aula, como exemplo a utilização de imagens com casais e/ou famílias homoafetivas, dependem do interesse de educadores/as, como também da existência de instrumentos de auxílio e orientação para aqueles que se mostram dispostos a pesquisar e aprimorar seus conhecimentos sobre o tema, desconstruindo valores de cunho preconceituoso ou discriminatórios e conduzindo seu trabalho como professor/a à novas investigações, visando aperfeiçoar sua prática docente. Todavia, isso não é suficiente enquanto sistematicamente os “legitimados” a falar sobre esse tema forem poucos e não se expandirem as bases da discussão para outros níveis do conhecimento, como o ético, o sociológico, o econômico, etc.

Por fim, cabe um destaque que relaciona a delimitação do *corpus* e a própria constituição desta categoria. De modo geral, é possível perceber que na própria delimitação e constituição dos documentos para análise na pesquisa houve o encaminhamento de um foco voltado às Ciências Naturais. Nesse sentido, numa primeira análise, parece ser viável que sistematicamente as produções desse campo reforçassem a apropriação das discussões do campo da Diversidade Sexual e de Gênero por essas Ciências. Todavia, aprofundando-se a análise, é possível evidenciar que essa restrição pode ser falsamente trazida pela seleção do *corpus*.

Em termos conjecturais, basta observar que, assumindo, no campo do ensino escolarizado, que o trabalho com o tema da Diversidade Sexual e de Gênero fosse competência efetivamente também a outras áreas isso, provavelmente, deveria ser evidenciado mesmo nas produções do campo da área das Ciências Naturais. Seria viável assunções que articulassem ou mesmo encaminhassem para uma articulação entre áreas, mas isso não foi evidenciado. Mais destacado ainda emergiu, não apenas por uma apropriação das Ciências Naturais como “responsável” pelo tema, um movimento biologizante das discussões. Ou seja, ficou evidente que nem mesmo no campo mais ampliado das Ciências Naturais essa discussão circula, mas sim, e mais fortemente, no interior de uma subárea: as Ciências Biológicas. Tais características terão efeitos significativos nos modos de apropriação das discussões nesse campo, tanto conceituais quanto subjetivos, políticos, sociais, etc., como se evidenciará nas articulações desta categoria com as demais apresentadas nesta pesquisa.

### 3.2 Categoria II – Obstáculos no ensino de temáticas relacionadas à Diversidade Sexual e de Gênero

Para educadores e educadoras, até mesmo da área da Ciências da Natureza, expor e discutir questões sociais, tais como Diversidade Sexual e de Gênero, pode ser um exercício complexo (ABREU, 2017; BONFIM, 2009; RODRIGUES; SALLES, 2011; PETRENAS; GONINI; MOKWA, 2014). A imposição de valores heteronormativos e de natureza machista trabalhados em sala de aula pelos/as licenciados/as está fortemente presente na escola, tanto no conteúdo a ser estudado a partir do currículo da escola (cuja construção histórica abrange ideologias tradicionais), quanto no ambiente familiar dos/das estudantes (que resulta no receio

de professores e professoras em discutir temáticas ligadas à gênero e Diversidade Sexual, principalmente por medo de reclamações que possam surgir por parte de responsáveis pelos/pelas estudantes).

Apresentar e discutir assuntos que demandam conhecimento sócio-histórico-cultural, posicionamento político (não-partidário) e desconstrução de pensamentos é uma tarefa complicada para professores e professoras, como se pode evidenciar em grande parte das unidades que compõem esta categoria. A título de exemplo, isso se mostra nitidamente quando uma professora relata com convicção que a escola não quer falar sobre Diversidade Sexual e de Gênero por medo das reações que os pais teriam se soubessem que seus filhos estão aprendendo sobre o assunto. Logo, uma pergunta foi proposta aos entrevistados da pesquisa analisada: “a escola tem medo dos pais ou não se sente capacitada para isso”? Um dos participantes apontou que “a escola não tem formação para discutir esses assuntos, mas que muitos pais também não querem que a escola fale sobre o mesmo” (U5DII).

Uma vez que, segundo Cardoso (2008), o significado do conceito “orientação sexual” pode modificar de acordo com autor ou área, mas, “na maioria das vezes, esse conceito está relacionado ao sentido do desejo sexual: se para pessoas do sexo oposto, do mesmo sexo ou para ambos” (p. 70), no contexto escolar essa discussão mostra-se complexa. De mesmo modo, por ser um tema também associado a esse campo, discussões sobre expressão de gênero também se mostram tensas na escola, principalmente porque, conforme Jesus (2012), a esse termo se associa a “forma como a pessoa se apresenta, sua aparência e seu comportamento, de acordo com expectativas sociais de aparência e comportamento de um determinado gênero” (p. 24).

Dessas ideias gerais, mesmo quando a escola percebe a necessidade de apresentar e discutir concepções sobre identidade de gênero, sexo biológico, orientação sexual e expressão de gênero e toma as devidas precauções para o desenvolvimento do conhecimento, ou seja, indaga o interesse dos/das estudantes acerca da temática, comunica a equipe diretiva da instituição e consulta os pais por meio de recados que expressam a motivação e os objetivos da discussão, a fala de uma professora mostra que “há pais, mães e responsáveis que se contrapõem a ele [ensino de questões sobre diversidade sexual e de gênero], tanto que não permitem

a participação de seus filhos em determinadas atividades” (U2HII). De mesmo modo, pode-se afirmar a aversão a questões relacionadas à Diversidade Sexual e de Gênero por parte dos/das responsáveis pelos alunos e pelas alunas. Tal compreensão fica evidente na fala de professoras ao lamentarem que:

[...] dos 47 alunos que frequentam as duas turmas de 5º anos, apenas 25 compareceram no dia em que foi apresentada e discutida a temática na escola, tal ato foi justificado pelo fato de que “quase metade deles não teve autorização para participar da atividade” (U4HII).

Porém, quando um assunto relacionado a gênero e/ou sexualidade é solicitado pelo/pela docente ou por alunos e alunas, a responsabilidade de debater a temática é direcionada para professores e professoras de Ciências da Natureza, como visto na unidade anterior, que mostra o reconhecimento, por parte de discentes, da necessidade de abordar o tema na escola, e que a discussão, “[...] provavelmente, ocorreria na disciplina de Ciências, por ser uma matéria que inclui corpo humano e reprodução” (U11GI). Para desenvolver conhecimento escolar a partir das concepções dos/das alunos/as com o auxílio da ciência acadêmica, a bagagem pedagógica, didática e sócio-histórico-cultural durante a graduação em licenciatura não se mostra suficiente para realizar uma discussão desconstruída e menos restrita de conceitos pré-estabelecidos. Como exemplo, cabe a observação que uma aluna do curso de Licenciatura em Biologia faz por não se sentir segura em realizar a discussão cuja responsabilidade lhe é atribuída: “[...] eu não recebi formação, apenas algumas informações; a sexualidade é além de informação, tem coisas que eu não sei como lidar” (U4DII).

A falta de conhecimento sobre Diversidade Sexual e de Gênero durante o curso de licenciatura se repete em outras unidades de significado, evidenciando obstáculos à sua problematização e discussão. Esta carência é exibida nas falas de discentes que evidenciam a recepção de orientação para trabalhar a temática em forma de palestras, oficinas e minicursos em projetos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Todos afirmaram que “[...] não se sentem preparados para esta tarefa[...]”. Isso também é evidenciado na observação de um/uma estudante, ao comentar que “[...] sente falta de maiores conhecimentos sobre o tema” (U2DII). Além dessas perspectivas, a unidade U3LII aponta que, para agravar mais a situação,

[...] os/as docentes recebem pouca ou nenhuma formação em assuntos de gênero e diversidade, e creem que estes não existem ou são impossíveis de modificar, nem consideram estes assuntos como um critério para selecionar materiais de aprendizagem e construir o currículo.

A importância da presença de conteúdos sobre gênero e sexualidade na formação de professores e professoras é inquestionável, como aponta Lopes (2017, p. 3),

É necessário se despir de preconceitos para fazer uma educação cada vez mais humana, aberta às experiências múltiplas. Por isso, deve-se investigar a base da opressão, conhecê-la para que através da reflexão crítica e da prática educativa possamos contribuir na sua superação, discutindo a diversidade e o seu convívio, e fazendo emergir as contradições provenientes da realidade. Pois, essa tem sido uma prerrogativa daqueles educadores (as) que não se conformam com a realidade dada e fazem da sua prática pedagógica um instrumento de reconhecimento das diferenças e de luta por igualdade.

Porém, a desconstrução de ideias socioculturais é um exercício fundamental para a apropriação de termos e ações que não sejam discriminatórios, principalmente para acrescentar conhecimento acerca deste tema a quem tem interesse, mas não possuía instruções durante sua formação. Educadores e educadoras que carregam preconceitos e não conseguem perceber e/ou problematizar estas concepções, “[...] promoverão a manutenção de práticas e discursos que discriminam, excluem e diminuem LGBT<sup>2</sup> no ambiente escolar” (U13GII), pois, mesmo se forem ofertados conhecimentos acadêmicos sobre Diversidade Sexual e de Gênero, ainda assim, durante a prática, “docentes [...] têm dificuldades em ensinar sobre sexualidade e muitos não se sentem à vontade para debater sobre estas questões com seus discentes em virtude dos seus valores socioculturais, sobretudo os de cunho religioso” (U2BII).

Tais apontamentos evidenciam não apenas obstáculos para a discussão, mas também a manutenção de deficiências da própria discussão no que tange à diversidade e respeito ao coletivo. Por exemplo, a discussão da Diversidade Sexual, quando presente, mostra-se, reiteradamente, associada ao sistema reprodutor

---

<sup>2</sup> A sigla LGBT trazida pela unidade representa Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Transexuais e Travestis. A sigla LGBTQIA+, segundo Silva e Rocha (2019, p. 11), é “uma atualização de outras siglas usadas pelo movimento político e social que luta por direitos das pessoas”, em que as letras e o símbolo adicionais na sigla (QIA+) correspondem, respectivamente a pessoas Queers, Intersexuais, Assexuais/Arromânticas/Agênero, e o símbolo + “indica que existem muitas outras possibilidades, não listadas ou descritas aqui, de identificação (ou não) de gênero ou de orientação sexual”.

feminino e/ou às infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). A fala de um aluno, que perguntou à professora, durante o ensino de ISTs: “Mas professora, o homossexual é mesmo um grupo de risco? Ele pega mais AIDS? Tem alguma coisa nele que faz pegar mais a doença do que outros?” (U9II), coloca presente a necessária discussão que tem de se ter do tema, assim como aponta que a carência de material de apoio ao professor e à professora que contenham informações remodeladas ao momento histórico atual em relação à Diversidade Sexual e de Gênero deve ser suprida. O desconhecimento da diferença entre pessoas que vivem com HIV e indivíduos que desenvolvem a síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS)<sup>3</sup> é explícito na unidade U9II, o que demonstra que a Educação Sexual ainda é insatisfatória em termos de conhecimento e informação educacional.

Outras unidades também apresentaram relatos parecidos, focando nesta relação entre gênero e orientação sexual e infecções sexualmente transmissíveis, dando maior relevância ao “...estabelecimento de uma ‘normalidade’ da conduta sexual e para o tratamento das questões vinculadas à saúde e à doença” (U1FI); nas aulas de ciências cujo conteúdo é anatomia humana, o foco é discutir gravidez precoce e prevenção de ISTs, “...enquanto as questões ligadas ao sexo como fonte de prazer e à discriminação por gênero e orientação sexual continuaram à margem do currículo” (U1BI); como o relato de que a temática sexualidade, “...quando abordada na escola, de um modo geral, é reduzida às questões ligadas à biologia e à reprodução” (U7GI). Tais considerações tanto reforçam a discussão da categoria anterior quanto, efetivamente, apresentam obstáculos à divulgação, discussão e compreensão da Diversidade Sexual e de Gênero nos espaços escolares e, principalmente, nos de formação docente.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de 1997 solicitavam a abordagem de questões sobre gênero e diversidade sexual em seus Temas Transversais, porém a Base Nacional Comum Curricular (2018) reorganizou as temáticas em seus Temas Contemporâneos Transversais (TCTs), e em um

---

<sup>3</sup> <https://unaid.org.br/2017/03/voce-sabe-o-que-e-hiv-e-o-que-e-aids/>. Uma vez que há problemas nas compreensões sobre a AIDS, a organização UNAIDS disponibiliza materiais importantes sobre a doença e os modos de prevenção, tratamento, e a diferenciação entre ter AIDS e viver com o HIV.

documento denominado Temas Contemporâneos Transversais na BNCC: contexto histórico e pressupostos pedagógicos, afirma que

A inclusão do termo 'contemporâneo' para complementar o 'transversal' evidencia o caráter de atualidade desses temas e sua relevância para a Educação Básica, por meio de uma abordagem que integra e agrega permanecendo na condição de não serem exclusivos de uma área do conhecimento, mas de serem abordados por todas elas de forma integrada e complementar (BRASIL, 2019, p.12).

Porém, dividida em seis macro temáticas (Cidadania e Civismo, Ciência e Tecnologia, Economia, Meio Ambiente, Multiculturalismo e Saúde), os TCTs não abordam discussões sobre diversidade sexual e de gênero, mesmo relatando que “os Temas Contemporâneos Transversais (TCTs) [...] podem instrumentalizar os estudantes para um maior entendimento da sociedade em que vivem” (BRASIL, 2019, p. 13), evidenciando a Educação Sexual apenas de maneira exclusivamente biológica, “...em diálogo mais restrito com uma literatura oriunda da saúde reprodutiva, em que o estudo do corpo é delegado ao campo da biologia” (U1II). Assim, conforme Weeks (1985, p. 86):

[...] produz-se uma fusão entre duas teorias, plausíveis, embora não demonstradas: que haja uma afinidade eletiva entre algumas enfermidades e certas práticas sexuais; e que certas práticas sexuais são a causa de algumas enfermidades. E uma terceira: a saber, que certas práticas sexuais são enfermidades.

Isto é, fundem-se e se confundem elementos distintos entre elementos biológicos e aqueles em relação à diversidade sexual e de gênero. Sendo distintos e não problematizados, movimentos como esse são potentes para o reforço da historicidade difamatória de LGBTs, como relata Louro (2003, p. 68):

A negação dos/as homossexuais no espaço legitimado da sala de aula acaba por confiná-los às “gozações” e aos “insultos [...], fazendo com que, deste modo, jovens gays e lésbicas só possam se reconhecer como desviantes, indesejáveis ou ridículos.

Grande parte das considerações observadas na construção desta categoria são de interpretação negativa em relação à discussão de questões de Diversidade Sexual e de Gênero nas escolas. Porém, encontram-se unidades de significado, neste mesmo grupo, que buscam alternativas e mudanças na educação; que relatam, por exemplo, a percepção que um/uma professor/professora teve de que a prática, considerada por ele/ela e pelos/as alunos/as como desagradável, por expor a temática

em sala de aula, “estava de fato sendo desestabilizadora, provocando-os, tirando-os de um possível lugar tranquilo, fazendo-os pensar” (U14MII). A exposição de questões sociais no ensino básico (e superior) é fundamental para a construção crítica do/da estudante; é quando há o encontro de ideias, até mesmo inexploradas, que ocasionam o questionamento sobre a efetividade de suas teorias. Logo, o processo de desconstrução de conceitos e pré-conceitos é fundamental em discussões sobre gênero e sexualidade, pois “[...] si podemos ver a través de estos mensajes, nos podemos revelar en contra de ellos [...], y abrir otras posibilidades” (U7LII) e superar os obstáculos que se impõem.

### 3.3 Categoria III – Sexismo e educação<sup>4</sup>

A necessidade de se apresentar, discutir e diferenciar temáticas relacionadas à Diversidade Sexual e de Gênero em sala de aula é vista e reconhecida por educadores/as e pesquisadores/as (BORTOLINI, 2011; GUIZZO, 2018; RODRIGUES, 2017; SOLARO, 2015), assim como também foi constatado em unidades mencionadas nas categorias anteriores. Assumindo que as construções de definições lexicais usualmente seguem uma ordem de relevância e recorrência, é possível trazer que a palavra gênero tem como um dos significados, segundo o Dicionário Online de Português<sup>5</sup>: “diferença entre homens e mulheres que, construída socialmente, pode variar segundo a cultura, determinando o papel social atribuído ao homem e à mulher e às suas identidades sexuais”; já a palavra sexo pode ser descrita como a “reunião das características distintivas que, presentes nos animais, nas plantas e nos seres humanos, diferenciam o sistema reprodutor; sexo feminino e sexo masculino”<sup>6</sup>. Todavia, assim como Louro (2003, p. 21, grifo da autora) utiliza em seu trabalho, os sentidos e as significações anteriores, “seja no âmbito do senso comum, seja revestido por uma linguagem ‘científica’, a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender – e *justificar* – a desigualdade social”.

---

<sup>4</sup> O texto referente a esta categoria foi submetido e apresentado no IX Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL), publicado em Anais do evento, sendo aqui apresentado já com modificações posteriores.

<sup>5</sup> <https://www.dicio.com.br/genero/>

<sup>6</sup> <https://www.dicio.com.br/sexo/>

A diferenciação entre gênero e sexo é frequentemente desconhecida ou ignorada. Segundo Moore (1997, p. 7), “a antropologia demorou muito para compreender esse ponto, em parte porque a questão é obscurecida, paradoxalmente, por uma abordagem que postula uma separação radical entre sexo e gênero e, por extensão, entre biologia e cultura”. Aspirando “rejeitar um determinismo biológico implícito no uso de termos como sexo ou diferença sexual” (Scott, 1995, p. 72), as feministas anglo-saxãs passaram a usar a palavra *gender* como distinta de *sex*, com o intuito de evidenciar, por meio de expressões, “o caráter, fundamentalmente, social das distinções baseadas no sexo” (Scott, 1995, p. 72).

Nas análises realizadas nas produções centradas no Ensino de Ciências sobre a temática, na unidade U7AIII foi observado que:

[...] olhando-se para o binômio homem e mulher sob a visão de construção social pode-se visualizar o simbolismo presente em vestimentas, comportamentos e outros, que ao serem socialmente distintos para homens e mulheres, pressupõem o sexo como forma de poder para o gênero masculino e submissão do feminino.

Aponta-se, aí, o poder e o discurso sendo utilizados da forma mais conveniente para um grupo, desqualificando outros em termos das características em questão, e então, apresentando a necessidade do sexo biológico determinar o gênero, ou seja, determinar a maneira como a pessoa deve se portar perante a sociedade, tal definição podendo fazer-se de forma ameaçadora. Logo, conforme Almeida (2002, p. 90),

Nesse contexto, o conceito de gênero estava automaticamente ligado ao de sexo como categoria única que determinava os papéis sexuais dos indivíduos, reforçando, por conseguinte, a convicção na inferioridade feminina vis-à-vis à superioridade masculina. Por trás dessa visão essencialista da diferença sexual está a crença em identidades fixas e padrões de comportamento e interações sociais com base em qualidades supostamente inatas.

Logo, pela análise se evidencia que os corpos estão em constante vigilância e qualquer exceção à norma exigida pode gerar descontentamento da comunidade em que o indivíduo se encontra, seja familiar, escolar, profissional, ou mesmo fora destes. Contudo, em instituições educacionais, pode-se observar com clareza a separação entre grupos, principalmente relacionados ao gênero dos/das estudantes, divisões estas estabelecidas e instruídas pela própria escola.

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma

ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos – tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização (LOURO, 2003, p. 57).

Como evidenciado na unidade U11CIII, “[...] não são apenas as mulheres que sofrem com o machismo presente em nossa sociedade, os próprios homens são colocados em um esquema de afirmação da masculinidade a todo momento”. Meninos são postos em situações de afirmação e legitimação de seu gênero, frequentemente, principalmente na escola, onde até mesmo o Livro Didático apresenta a maneira que eles têm que se portar e vestir, os brinquedos aos quais eles devem brincar, o que eles devem gostar e não gostar. Qualquer aproximação a deveres, características e expressões ditas do gênero oposto, podem causar desconforto às pessoas ao redor do indivíduo, que corrigem as atitudes e ressaltam a maneira correta que um menino deve se portar socialmente, conduzindo, assim, os modos de exercício de sua liberdade de expressão e autonomia. A unidade U6EIII deixa bem claro tal ideia, expressando que:

[...] o poder do homem é, então, entendido – bem apontou Ramirez (1989) – como respeitabilidade, autoridade, invulnerabilidade, força. Desse modo, no modelo de masculinidade a ser seguido nos livros, destacam-se as ideias de que o *homem de verdade* é solitário, reservado e prático, voltado para agir e realizar atividades.

Tais noções vão ao encontro da unidade U12CII, a qual expõe que desta maneira sujeitos do gênero masculino são, constantemente, vigiados e avaliados para confirmarem e validarem, frequentemente, sua orientação sexual como a heterossexual, procurando, assim, a aprovação de outros homens a respeito de suas maneiras de se portar socialmente. O não entendimento de tais circunstâncias e a não aceitação leva ao pré-conceito e à discriminação do sujeito por parte de quem o observa, podendo ocasionar atitudes psicologicamente e fisicamente violentas. Conforme Saffioti (2004, p. 20), “o machismo, numa de suas facetas altamente negativas para os homens – e há muitas –, oculta estas ocorrências, em vez de fazer face a elas e implementar políticas que visem, no mínimo, a sua drástica redução”.

Portanto, os hábitos, frequentemente, comuns, as práticas e os argumentos banalizados necessitam transformar-se em metas de atenção e concentração

renovadas, de indagação e, principalmente, de suspeita e desconfiança. Como Louro (2003, p. 21), comenta em seu trabalho:

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai construir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico.

Sendo assim, é provável que a tarefa imediata seja a de não confiar no que é tomado e transpassado como “normal”, e até mesmo “natural”, mantendo relações abertas para novos conhecimentos, dando liberdade de expressão sem o viés da avaliação sexual, percebendo a discriminação em falas próprias e livrando-se do preconceito carregado historicamente.

### 3.4 Categoria IV – Relações de discurso e poder desenvolvidas para e na escola

As discussões das categorias anteriores foram baseadas em relações de discurso e poder. Estes, intimamente interligados e dependentes, formam a base do controle social, das regras culturais e da construção histórica da sociedade de diversas formas, como exemplo, citando Foucault (1988, p. 96):

O discurso veicula e produz poder; reforça-o mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. Da mesma forma, o silêncio e o segredo dão guarida ao poder, fixam suas interdições; mas também, afrouxam seus laços e dão margem a tolerâncias mais ou menos obscuras.

Conseqüentemente, quando se fala em gênero, identidade de gênero, sexo biológico, orientação sexual e expressões de gênero, estão sendo expostos fundamentos sócio-históricos-culturais da construção da sexualidade humana.

Introduzir a temática em instituições formais de ensino é uma tarefa complexa, visto que a escola tem seus discursos próprios e suas respectivas redes de poder. Um exemplo disto é a separação e o favorecimento de disciplinas curriculares, característica que faz com que as escolas sejam conceituadas “como mecanismos de compartimentalização de saberes [...], organizados de forma rígida e hierárquica [...], onde cada conteúdo/temática deve estar delimitado em uma determinada disciplina curricular” (U1JIV).

Ao possuir suas próprias regras de convivência social, a escola determina um modelo para a seleção dos indivíduos, priorizando e privilegiando aqueles que se

encaixam nos padrões estabelecidos pela instituição. Este movimento de imposição nem sempre é planejado ou intencional; são concepções e ações involuntárias para os que reproduzem os princípios. Os resultados das ações podem definir o modelo ideal de professores e professoras, alunos e alunas, e de funcionários/as que fazem parte daquela organização, pois são grupos sociais e, por isso, foram e são objetos de representações. Como exemplo disto, basta perceber a tendência de diferenciação existente dentro da educação “entre homens e mulheres nas trajetórias escolares; os homens dirigindo-se às áreas das ciências exatas e engenharias e as mulheres às ciências humanas, letras e artes” (U5EIV).

Assim, ao longo do tempo, alinham-se determinadas características, apelam-se para alguns recursos para falar deles e delas. Essas representações não são, contudo, meras descrições que “refletem” as práticas desses sujeitos; elas são, de fato, descrições que os “constituem”, que os “produzem”. Estamos aqui operando a partir de uma perspectiva teórica que entende a representação não como um reflexo ou espelho da realidade, mas como sua constituidora (LOURO, 2003, p. 99).

Discussões sobre Diversidade Sexual e de Gênero também estão expostas nos meios digitais, como pode-se constatar, em um dos textos analisados, na fala de alunos e alunas entrevistados/as para a construção de um artigo em que, quando interrogados sobre a aprendizagem que obtinham sobre o assunto, “a maioria indicou a mídia como principal fonte, sendo, a segunda fonte mais indicada, o professor” (U10GIV).

Partindo da ideia de que, acreditamos neste trabalho, cabe à escola informar, educar e proporcionar conhecimento, adaptando-se às inovações, conforme as ciências vão sendo desenvolvidas, é possível perceber a instituição formal de ensino ainda como “um ambiente historicamente disciplinador e normativo que tem como referência a heteronormatividade, desconsiderando o caráter construído das identidades” (U8IIV), cada vez mais manifestadas e complexas. Segundo Louro (2003), é “[...] preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta”.

Os significados que deixam de ser atribuídos, formalmente, à Diversidade Sexual e de Gênero são, então, pressupostos ou estabelecidos apenas a partir dos

conceitos utilizados no convívio familiar, que pode carregar preconceitos, e, desta maneira:

Criam-se visões patologizantes que se transformam em significados compartilhados socialmente, entendendo que os desvios e perversões devem ser evitados, marginalizados e excluídos, enquanto existe um padrão sexualmente 'correto' que deve ser seguido (U4GIV).

O objetivo que se tenta alcançar, então, é a problematização da forma organizacional da escola como instituição, visto que não tem alcançado respostas às particularidades dos sujeitos que a compõem, tornando-se inadiável a incorporação de debates sobre os princípios e as práticas de um método de inclusão social “que garanta o acesso e considere a diversidade humana, social, cultural, econômica dos grupos historicamente excluídos” (U10AIV). Assim, é importante a prática do exercício de reflexão acerca da educação, do conhecimento e do processo de ensino e aprendizagem que há nas escolas, na maneira como está organizada e que ocorreu esta organização – histórica e socialmente –, como esse processo está vinculado a certas redes de poder e como ocorreu sua modificação neste período, “sendo feita uma contextualização que leve em conta a situação de vida do/a aluno/a, analisando a forma como aquele conhecimento estrutura-se no presente” (U11IIV).

Portanto, o processo de mudança e adaptação deve começar com o preparo e a escolha dos materiais de ensino e de aprendizagem, pois, “o currículo, adequadamente construído, deve atender às necessidades dos alunos e professores de compreender a sociedade na qual vivem” (U5FIV), e auxiliar na comunicabilidade entre educadores/educadoras e estudantes sobre temáticas sócio-histórico-culturais e assuntos do momento histórico em que se encontram. Assim, o foco no investimento e na conquista educacional deve estar, essencialmente, no desenvolvimento das habilidades e no desenvolvimento da tolerância através da inclusão de interesses coletivos, como exemplo a reciprocidade, a solidariedade, a consciência de compromisso social e, principalmente, o respeito ao próximo.

#### **4 Segundo Corpus: Discursos sobre Diversidade Sexual e de Gênero em uma turma de estudantes de Licenciatura em Ciências da Natureza**

Nesta seção serão apresentadas e discutidas as categorias finais do segundo corpus de pesquisa e suas unidades criadas a partir do processo analítico das transcrições dos áudios das aulas ministradas para uma turma de Práticas Pedagógicas II, que integrou discentes dos cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas, Licenciatura em Física e Licenciatura em Química, na disciplina de Prática Pedagógica II no IFSul/CAVG.

Cabe ressaltar que nesta etapa da pesquisa e concomitante ação docente realizei um processo de ação-reflexão docente, pois o trabalho de planejar uma pesquisa participante envolve analisar a necessidade da população em relação a temática central, e assim, desenvolver e definir propostas de ação em função desta realidade.

As transcrições trazem à cena falas discentes, mas também se integram ao material analisado as minhas falas, desenvolvidas no processo didático de problematização sobre o tema. Isso implica em momentos de pensar e repensar sobre a formação docente, as metodologias utilizadas no processo de ensino-aprendizagem, as abordagens priorizadas para lecionar ciências, a ação de observar os/as estudantes e participar, efetivamente, do sistema educacional.

Ao longo do processo didático, evidenciei e esclareci dúvidas levantadas pelos/as estudantes, que desconheciam, até aquele momento, certos termos utilizados em discussões sobre Diversidade Sexual e de Gênero, e seus significados. Algumas das perguntas realizadas, tanto por mim para a turma, como por parte dos discentes para mim, serão apresentadas e discutidas nesta categoria como forma de sistematizar os questionamentos que em geral eram trazidos e discutidos em aula.

A turma, na qual a pesquisa foi desenvolvida, era composta de 25 discentes, sendo 15 do gênero feminino e 10 do masculino. Uma vez que acompanhei durante 6 momentos a docente titular antes de iniciar as ações de minha regência, pude perceber que a turma apresentava algumas características que, a mim, pareceram importantes no momento de planejamento das ações. De modo geral, a turma apresentava diferentes vertentes ideológicas, o que me deixou preocupada por conta

das diversas reações possíveis à temática Diversidade Sexual e de Gênero, mas também me instigou a produzir uma discussão qualificada e fundamentada para auxiliar a todos/todas no debate democrático, civilizado e plural a partir de cada singularidade.

No decorrer das atividades, já em minha ação docente, o processo de conhecer a turma previamente possibilitou organizar ações que geraram debates e diálogos produtivos no sentido da abordagem e esclarecimento do tema Diversidade Sexual e de Gênero, inclusive suscitando várias questões na turma. É interessante ressaltar que a maioria das questões foi levantada por discentes, e, destas, o maior número de dúvidas veio por parte de pessoas do gênero feminino, as quais, em geral, se utilizaram de termos apropriados e aceitos pela comunidade que discute a temática. Diferentemente, destaca-se que a quantidade de falas de indivíduos do gênero masculino foi muito menor. Comparando números e palavras a partir desta dicotomia entre gêneros, é conveniente comentar que, “numa sociedade androcêntrica como a nossa, os valores masculinos são cultuados, e sua ‘traição’ resulta nas mais severas condenações. O cúmulo da falta de virilidade consiste em se aproximar da feminilidade” (Borrillo, 2009, p. 35).

A diferença em termos de volume de participação nas discussões permite que se remeta às discussões já apontadas na Categoria III, a qual, ao destacar que “as ideias de que o *homem de verdade* é solitário, reservado e prático” (U6EIII) associa-se a essa diferença numérica de participação dos sujeitos do gênero masculino. Nesse sentido, a questão da masculinidade e sua fragilidade implicam em limitações e constrições inclusive no campo didático e, como o proposto, dialógico. A afirmação da masculinidade também traz elementos que limitam as opções, expressões e posicionamento masculinos, conforme Saffioti (2004, p. 36) “porque homem não falha, ou melhor, não tem o direito de falhar numa situação [...], já que representa a força, quase a perfeição”. Ainda que díspares os quantitativos de participações diretas no que tange à dicotomia citada, foi possível evidenciar a mobilização e envolvimento geral na atenção às discussões e atividades avaliativas realizadas.

As transcrições selecionadas foram analisadas e unitarizadas, movimento que orientou a criação das seguintes categorias: (i) *comentários que demonstram*

*interesse em discutir sobre Diversidade Sexual e de Gênero em sala de aula; (ii) comentários que demonstram resistência a informações sobre a temática.*

A primeira categoria é composta por unidades de significado que problematizam e expõem *comentários que demonstram interesse em discutir Diversidade Sexual e de Gênero em sala de aula*, como questões diretas sobre Educação Sexual e Diversidade Sexual e de Gênero. Também evidencia a questão central como sendo as informações que se deve possuir para lecionar assuntos relacionados à Diversidade Sexual e de Gênero. Essas ideias são mobilizadas ao evidenciar a necessidade de quebra de paradigmas que o/a docente deve realizar, além de demonstrar a necessidade de se exemplificar tais assuntos para melhorar a compreensão dos/das estudantes sobre o tema. A falta de interesse em falar sobre temáticas associadas a assuntos como identidade de gênero, orientação sexual, expressão de gênero e papéis de gênero na sociedade foi identificada na análise das unidades e na criação da categoria chamada *comentários que demonstram resistência a informações sobre a temática*, que aborda uma reflexão e avaliação crítica de falas que demonstram a resistência e a falta de interesse que estudantes demonstraram durante discussões sobre questões relacionadas à Diversidade Sexual e de Gênero.

#### 4.1 Categoria V – Comentários que demonstram interesse em falar sobre Diversidade Sexual e de Gênero em sala de aula

A apresentação de questões relacionadas à Diversidade Sexual e de Gênero para a turma necessitou de paciência e determinação de minha parte. O assunto demanda confiança, desinibição e comunicabilidade, que geram exposição de posicionamento político-social e educacional – elementos que, assim como apontei em minha apresentação inicial, são complexos para mim. A participação discente durante as aulas, centradas na discussão do tema, era pouca, logo, eu, como professora-pesquisadora necessitava incentivá-los a todo instante para encontrar, reconhecer e complementar incompreensões que a turma trazia sobre a temática estudada, assim como, constantemente, reavaliar e problematizar as minhas próprias compreensões e organizá-las no trabalho docente e seu ensino.

A hesitação em falar termos relacionados à diversidade de gênero e/ou diversidade sexual exigiram-me amplo conhecimento e estudo sobre o assunto, além de exercitar o entendimento dos discursos ditos e não ditos. Por exemplo, quando uma discente me questionou: “É, então, no caso de uma Drag, a orientação sexual impõe alguma coisa?” (U23NIV), a problematização era se uma pessoa que se expressa artisticamente como Drag Queen, necessariamente, é homossexual, se há relação entre esta orientação sexual por conta da expressão de gênero demonstrada no momento da performance artística. Situações como essas trazem à cena a compreensão de que “a linguagem utilizada indica a fragilidade dos discursos que se propõem a enfrentar algumas das cores e dores do preconceito” (POCAHY; OLIVEIRA; IMPERATORI, 2009, p. 127), e colocam em realce a importância da ação docente informada, intencional e aberta à promoção do debate.

As unidades de significado também evidenciaram a timidez e a incerteza em interrogar sobre assuntos relacionados à Diversidade Sexual e de Gênero, por exemplo, não perguntar diretamente, mas comentar uma palavra e esperar que seu significado seja explicado, como “Pansexualidade...” (U27NIV) e “Diferença de Drag e Travesti...” (U21NIV). As reticências, denotadas pela entonação das falas, são utilizadas, segundo Tufano (2005), para “deixar as frases em aberto, [...] possibilitando ao leitor o domínio sobre a interpretação”, ou seja, por mais que não seja uma pergunta explícita, o questionamento fica subentendido.

Pode-se observar, também, o não-reconhecimento social em discursos como “O binário, o que é?” (U24NIV), em que não se internaliza a ideia de que há identidades de gênero não-binárias com o reconhecimento sociocultural que a construção homem e mulher possui. Ou seja, a escola apenas evidencia os gêneros feminino e masculino em seus discursos, não proporcionando visibilidade para a diversidade de gênero existente, causando ignorância<sup>7</sup> destas causas. Logo, como instrumento de mudança,

A unidade na diversidade, então, seria buscada com base em um empenho político-pedagógico que implicaria o diálogo e o mútuo reconhecimento. Ao mesmo tempo, procuraria insistentemente ensejar uma identificação, por meio da qual os indivíduos de grupos distintos pudessem considerar seus entrecruzamentos indentitários e se perceber como sujeitos históricos pertencentes a um universo moral comum, envolvidos em processos de emancipação semelhantes ou correlatos (JUNQUEIRA, 2009, p. 178).

Os questionamentos em sala de aula também foram utilizados na construção de problematizações sobre determinados cenários. Por exemplo, a unidade U43NIV foi relatada após eu comentar com a turma que, certa vez, em uma fila de supermercado, uma pessoa idosa referiu-se a mim como “moço”: “Isso que cê falou antes, que tu entrou e uma senhora perguntou ‘ah, moço, não sei o que...’, por que seria um problema, no caso?”. Dúvidas como esta fazem-se presentes, geralmente, em discursos de pessoas que não têm, diretamente (e diariamente), seu gênero ou sua orientação sexual, habitualmente, questionadas ou confundidas por conta de sua expressão de gênero. Porém, a pergunta, da maneira que foi emitida, tornou-se um objeto fundamental para a discussão sobre Diversidade Sexual e de Gênero, pois, segundo Louro (2003. p. 51),

Entender dessa forma os efeitos dos vários "marcadores" sociais obriga-nos a rever uma das idéias mais assentadas nas teorias sociais críticas, isto é, a de que há uma categoria central, fundamental — consagradamente a classe social — que seria a base para a compreensão de todas as contradições sociais. Se aceitamos que os sujeitos se constituem em múltiplas identidades, ou se afirmamos que as identidades são sempre parciais, não-unitárias, teremos dificuldade de apontar uma identidade explicativa universal.

A partir da reflexão acerca de unidades de significado, constatee a dificuldade que os discentes investigados enfrentaram para formular suas dúvidas, tanto por

---

<sup>7</sup> Termo utilizado não no sentido ofensivo, mas no que remeta a alguém ignorar, consciente ou inconscientemente, construções sociais, históricas e culturais diferentes daquela que expõe.

receio ou constrangimento, como por falta de informação ou ausência de visibilidade sobre questões relacionadas à Diversidade Sexual e de Gênero. Porém, a exposição de dúvidas em sala de aula é um movimento importante em discussões sobre os temas relacionados ao assunto, pois, segundo Lionço e Diniz (2009, p. 10),

A diversidade social ocupa as escolas em dois sentidos: primeiramente, pela presença concreta, pois negros, deficientes, mulheres, idosos, estrangeiros, homossexuais frequentam as instituições de ensino; em segundo lugar, pelo compromisso político que fundamenta a educação como um bem público, o que significa que a igualdade é um valor fundamental ao ensino.

Logo, a unidade U8OIV evidencia um questionamento que direcionei aos alunos e às alunas: “Então, é necessário abrir discussões. Se um aluno chega pra vocês em sala de aula e pergunta qualquer coisa sobre Diversidade Sexual e de Gênero, vocês vão ignorar a pergunta?”. Problematizações como essa buscam marcar a função interessada e crítica da ação docente. Mais do que encaminhar uma resposta direta aos/às discentes, o movimento dialógico mostra-se como ferramenta fundamental no alargamento das compreensões. Nesse sentido, dialogando com Freire e Faundez (1985, p. 46), ao atentarem-se para a ação docente, é possível vislumbrar que aquilo “[...] que o professor deveria ensinar – porque ele próprio deveria sabê-lo – seria, antes de tudo, ensinar a perguntar. Porque o início do conhecimento, repito, é perguntar”.

Para a realização de um diálogo respeitoso e respeitado em sala de aula, antes mesmo de qualquer suposição que os alunos e/ou as alunas pudessem fazer sobre o assunto a ser trabalhado, planejei e executei a exposição da legitimidade científica e acadêmica de conceitos apresentados e discutidos nas aulas. Isso, pois, como exposto na unidade U8NIV,

Procurar usar os termos corretos é um ato científico, a Ciência determina os termos, não fui eu que escolhi, não sou eu que ‘tô’ dizendo o que usar. Eu trouxe referências de livros e artigos caso alguém tenha interesse. É importante vocês perceberem que eu não ‘tô’ dizendo isso sem base científica. Não é ‘achômetro’ meu. Existem estudos científicos sobre o assunto.

Esse trecho, hoje ressignificado por mim, evidencia algumas limitações e algumas potencialidades. Em termos de limitações, vê-se uma crença no aspecto desinteressado da ciência, em seu exercício reificado e asséptico (CHALMERS, 1993; LENOIR, 2004). Todavia, como potencialidade, utilizando-se dessa concepção de

ciência, muito difundida (especialmente pela ciência positivista), falas como essa procuram contornar posições tensas que, na atualidade da escola e da pesquisa na escola, poderiam levar, já no início da discussão, a polarizações e extremismos que, mesmo fazendo parte do campo discursivo da temática e sendo mais à frente problematizados, não eram o foco nesse momento. Contornadas tais limitações e potencialidades, cabe destacar que tal ato também pode auxiliar no aumento da visibilidade científica dos/das estudantes, que entenderam características da Ciência a partir da acomodação da transversalidade de áreas distintas em alguns aspectos, mas complementar em outros. Segundo Saffioti (2004, p. 43), “sejam denominadas ciências duras, sejam-no perfumarias<sup>8</sup>, o conhecimento científico reflete o momento histórico, social, político de sua produção.”

Algumas unidades que enfatizam questionamentos relacionados ao desenvolvimento da empatia e do respeito, tanto dentro do ambiente escolar, como em toda sociedade, também foram identificadas. Por exemplo, buscar saber e utilizar pronomes e nomes adequados conforme a identificação informada pela pessoa em que ou com quem se fala (U18NIV). Da mesma maneira, “quantas vezes surge assunto em sala de aula que, pro professor não é relevante, mas pro aluno é importante falar? Então, a gente precisa ouvir nossos alunos. Entender o que aquela pessoa ‘tá’ passando” (U9OIV).

É razoável considerar que, mesmo já estando a diversidade presente em todas as situações escolares, ela em geral não tende a automaticamente desempenhar esse papel, pois pode se encontrar recalcada, desvalorizada, marginalizada ou, em certa medida, invisibilizada. Para que a diversidade conduza a uma ação pedagógica desmistificadora, libertária, emancipatória e vitalizadora, é preciso agir com criatividade, encontrar linhas de fuga, de modo a permitir que ela seja reconhecida, que a presença e as experiências de vida daquele tido como diferente sejam vistas como possibilidades legítimas, e que seja garantido seu direito à interlocução. É necessário, nesse sentido, que estejamos dispostos a nos movimentar em direção a ele e a nos deixar interpelar por ele, e vice-versa (JUNQUEIRA, 2009, p. 173).

As dúvidas dos/das discentes foram respondidas, explicando e exemplificando o assunto para melhor compreensão da turma, como mostra a unidade U44NIV, que deixa explícito que “a falta de informação pode gerar agressão [...] física, verbal,

---

<sup>8</sup> A autora comenta que “os cientistas que acreditam na neutralidade das ciências duras e no comportamento político-ideológico das ciências humanas e sociais ainda não compreenderam o que é ciência. Por esta razão, se referem às ciências humanas e sociais, pejorativamente, como perfumarias” (SAFFIOTI, 2004, p. 43).

psicológica”, e que não ser heterossexual “é uma condição que não se tem escolha, assim como ser negro, assim como ser mulher, e pode gerar agressão a partir de uma coisa que não se escolhe ser”. Perguntas sobre conceitos utilizados em discussões sobre Diversidade Sexual e de Gênero e seus significados também foram explicadas (U22NIV; U28NIV). Logo, “é indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentidos nossos/as alunos/as dão ao que aprendem” (LOURO, 2003, p. 64).

A falta de interação dos/das estudantes com as questões e discussões levantadas foi perceptível e, depois de perguntar para a turma a razão e obter um grande silêncio como resposta, recebi a visita de três alunas em minha mesa ao término da aula. Estas justificaram a falta de comunicação pelo fato de não se sentirem à vontade com um dos colegas, visto que este tinha um posicionamento político (partidário e social) extremista, diferente da posição delas sobre o assunto em questão. Logo, manifestaram sentir medo de falar sobre Diversidade Sexual e de Gênero na presença dele. A partir desta informação, conforme mostra a unidade U2PIV, senti a necessidade de deixar claro para a turma toda: “se alguém tiver alguma dúvida sobre a temática, sobre as aulas, que tenha vergonha ou sinta desconforto em falar em sala de aula, ou talvez tenha medo de falar durante a aula, falem comigo, eu vejo com a professora um horário pra gente esclarecer todas as dúvidas que tiverem”. Assim, para Saffioti (2004, p. 136),

[...] o patriarcado se baseia no controle e no medo, atitude/sentimento que formam um círculo vicioso. Há muito tempo, afirmou-se que os homens ignoram o altíssimo preço, inclusive emocional (mas não só), que pagam pela amputação de facetas de suas personalidades, da exploração-dominação que exercem sobre as mulheres (SAFFIOTI, 1985,1987). Desta forma, não se trata de uns serem melhores que outros, mas de disputa pelo poder, que comporta, necessariamente, controle e medo.

Alguns discursos, tanto dentro do ambiente escolar, quanto na sociedade como um todo, ainda estão no automático em relação ao desinteresse e à falta de respeito, e, conforme manifesta a unidade U40NIV, “é esse automático que a gente tem que quebrar”. Logo, temáticas relacionadas a Diversidade Sexual e de Gênero necessitam ser apresentadas e debatidas durante a formação de professores e professoras, evidentemente por docentes instruídos para tal tarefa, pois,

Ao propiciar novas possibilidades de ver e perceber indivíduos e grupos até então postos sob a implacável mira dos estereótipos e dos preconceitos, a

desmistificação de representações que daí resultam torna-se fundamental para a desconstrução de mecanismos de percepção e de sistemas de crenças por meio dos quais se produz esse duplo engano e se legitimam relações de força extremamente assimétricas (JUNQUEIRA, 2009, p. 172).

Como evidenciado em todas as Categorias apresentadas neste trabalho, há existência de diversos e distintos obstáculos no processo de ensino de Diversidade Sexual e de Gênero dentro de instituições formais de ensino, porém, quebrar paradigmas é um ato revolucionário e necessário para visibilizar o reconhecimento da importância da temática na escola (MADUREIRA, 2007; SANTOS, RAMOS, TIMM, CABRAL, LOBO, 2008; ALMEIDA; COSTA; RODRIGUES; PEREIRA, 2010; BORTOLINI, 2011).

As falas manifestadas pelas unidades de significado U12NIV, U25NIV e U10NIV mostraram que algumas discentes já possuíam certas informações sobre Diversidade Sexual e de Gênero, compreendendo que Homossexualidade é o desejo de cunho sexual entre “pessoas do mesmo sexo”, que identidade de gênero corresponde a “como a pessoa se sente” em relação ao seu sexo biológico e sua construção de gênero, e que estes elementos da sexualidade humana não são opcionais, pois “não tem como escolher” sua orientação sexual ou sua identidade de gênero. Assim, conforme Soares e Marinho-Araújo (2010, p. 51), as unidades demonstram o acontecimento, por parte das discentes, de *Saberes Práticos*, que são “conhecimentos prévios, oriundos da história de vida e da experiência cotidiana, que se somam constantemente aos conhecimentos técnicos, teóricos e metodológicos formais da Educação”. Estes conhecimentos são extremamente relevantes quando se discute a temática, principalmente para o docente, visto que,

O professor pode conferir um novo significado para a sua prática, modificando as suas aulas por meio de uma reformulação de seu planejamento e a criação de novas estratégias para atender às necessidades dos seus alunos. Ambos os sujeitos são avaliados, sendo que a avaliação apresenta além do caráter de diagnóstico dos conhecimentos e saberes dos alunos, o de reflexão das práticas dos professores e o comportamento de pesquisador do aluno (CAMARGO, LINDEMEYER, IRBER, RAMOS, 2011).

Como na Categoria II do primeiro corpus de pesquisa (U2BII), a religiosidade também foi manifestada na unidade U33NIV desta categoria, que apresenta um debate entre discentes sobre justificar atos homofóbicos a partir da religião pessoal. Os turnos de fala são expressos abaixo:

Aluna 1 - Religião não justifica. [...]

Aluna 2 - Nada disso.

Aluna 1 - Embora as pessoas usem.

Aluno 3 - Ah! Mas as pessoas são induzidas, porque, pra mim, aceitar a religião, Deus é perfeição. O líder é que faz induzir as pessoas a cometer algumas coisas.

Aluna 2 - O ruim não é a religião, o ruim é o homem.

Aluno 3 - Isso. Não sou contra nem a favor. Mas a religião tem esse lado positivo. Ou negativo também, já não sei.

A questão religiosa relacionada à LGBTfobia demonstra em seus discursos tanto o reconhecimento de que o posicionamento religioso pessoal não deveria intervir em questões relacionadas à orientação sexual e identidade de gênero de outra pessoa ou justificar atos criminosos contra esta, como a dificuldade de desvincular a religiosidade e a prática docente. Isso pode dificultar ou inviabilizar conversas sobre Diversidade Sexual e de Gênero em sala de aula, pois, segundo Natividade (2013, p. 42),

Sobre a educação sexual nas escolas, alguns discursos religiosos mantêm um posicionamento de repúdio ao que é referido como “ensino da promiscuidade”, que promoveria o “sexo livre”, influenciando de modo negativo a formação de crianças, adolescentes e jovens.

Assuntos como a padronização de corpos e das atitudes também foram manifestados nas unidades desta categoria, por exemplo, após um questionamento meu sobre o objetivo geral do discurso e das relações sociais de poder, a resposta foi “disciplinar” (U2OIV). Esta conclusão, por mais simples que pareça, requer desconstrução de pensamentos, como a unidade U11OIV, que comenta que a sociedade impõe padrões, e a unidade U6OIV deixa explícito que alguns e algumas discentes possuíam conhecimento para entender o significado de padrão e seus objetivos sociais:

Docente – O que quer dizer “padrão”?

Aluna 2 – É algo que é estabelecido.

Docente – Algo que é estabelecido por quem? Pra quê?

Aluno 4 – Às vezes, por uma doença...

Aluna 2 – Exatamente.

Docente – Pra quê?

Aluna 2 – Pra classificar...

Ainda assim, o machismo é comentado em uma unidade desta categoria como sendo o responsável por parte desta padronização, principalmente com pessoas do gênero feminino e suas maneiras de vivenciar sua feminilidade, afirmando que “O homem pode ser o que quiser, [...] mas a mulher tem que ser bonita” (U12OIV). Este recorte explicita a presença da discriminação com o gênero feminino, além de demonstrar a desigualdade de gênero, que “longe de ser natural, é posta pela tradição cultural, pelas estruturas de poder, pelos agentes envolvidos na trama de relações sociais. [...] A desigualdade de gênero não é dada, mas pode ser construída, e o é, com frequência” (SAFFIOTI, 2004, p. 70-71).

Após eu dialogar sobre a importância da comunicação entre o/a docente e a turma, o reconhecimento da resistência social em se falar sobre questões relacionadas à Diversidade Sexual e de Gênero na escola e, simultaneamente, a percepção da necessidade de se discutir a temática foram expostas, como mostra a unidade U10OIV,

Não é só isso, as vezes até... Eu vou falar um pouco pelo que eu passei na minha geração. Não se falava disso, muito dos adultos dizem que não têm problemas, mas nós somos os mais problemáticos. Porque eles não tinham, nós não tínhamos, na minha época, nós não tínhamos... 'Isso é frescura, isso é bobagem'. Só que assim, no momento em que tu vais pra dentro da escola tu começa a perceber que não é.

Sendo assim, ter a sensibilidade de se importar com a saúde psicológica de estudantes a ponto de perceber a ausência de atenção social é um exercício que se constrói, principalmente, durante o curso de formação docente, como no caso da turma trabalhada. Porém, como já comentado em categorias anteriores (U11GI; U12GI), há formações educacionais que carecem de reflexões sobre Diversidade Sexual e de Gênero, não proporcionando momentos de reflexão, de exposição das dúvidas, interesses e desconstrução da própria ação docente. Logo, para Altmann (2013, p. 77),

A importância [...] diante destas questões está relacionada ao caráter democrático de tal instituição, tanto no que se refere à democratização do acesso e às condições de permanência, quanto às relações que ali se estabelecem. [...] o respeito à diversidade sexual é ali imprescindível, caso contrário, [...] instaura práticas discriminatórias e heteronormativas que excluem ou invisibilizam diferenças.

#### 4.2 Categoria VI - *Comentários que demonstram resistência a informações sobre a temática*

Respeitar a diversidade de gênero e a diversidade sexual é um dever ainda não entendido e nem cumprido por grande parte da sociedade, mesmo com toda informação atual (EYNG; GIZI; ENS; PACIEVITCH, 2013; COLLING, 2013; PINA; CAETANO, 2017). A compreensão e a atualização de informações relacionadas à orientação sexual e identidade de gênero são tarefas que exigem interesse e reconhecimento da relevância de tais discussões, além de visibilidade da importância destes movimentos. Para isso, é fundamental atentar e evitar vícios sociais desrespeitosos em discursos, como a utilização de características pessoais em piadas e comentários ofensivos, e a padronização de corpos e atitudes regradas por exemplos históricos ou justificadas como atos culturais (TORRES, 2010).

As unidades de significado desta categoria demonstraram a resistência que alguns e algumas estudantes apresentaram em relação à desconstrução de pensamentos, utilização de termos e desvinculação de padrões, como mostra a unidade U26NV. Após uma discussão sobre pessoas de gênero não-binário, uma discente comenta ter visto uma “menina que é assim” em uma série de televisão. Uma vez que “o gênero não-binário descreve qualquer identidade de gênero que não se encaixa no binário feminino e masculino” (SILVA, 2018, p. 12) e que língua portuguesa no Brasil ainda não utiliza pronomes neutros, até mesmo pessoas do gênero feminino possuem pouco ou nenhuma visibilidade em relação a termos erroneamente denominados neutros, pois “quando se fala em masculino como se fosse neutro, na realidade se excluem as mulheres e se cria uma ideia muito concreta de quem são os heróis, os pesquisadores e quem são os violentos” (Rio Grande do Sul, 2014). Ainda assim, grande parte das pessoas de gênero não-binário adaptaram palavras que não demarcam a dicotomia de gênero feminino ou masculino, e tais expressões estão expostas (e explicadas) na internet em forma de vídeos, debatidas em redes sociais, e artigos. Conforme Silva (2018, p. 51),

Mesmo que em muitas ocasiões, nós, seres humanos, que utilizamos da língua como uma ferramenta de comunicação, mudemos a própria como uma forma de adaptá-la ao mundo que conhecemos hoje, sabemos que há todo um processo de normalização até que essa nova adaptação se padronize.

Contudo, a imagem de tal personagem da série, comentada pela aluna, era de alguém que possuía sexo biológico e características físicas de uma fêmea, logo, a aluna associou a imagem à palavra “menina”, mesmo sabendo a identidade de gênero não-binária do indivíduo. É importante, principalmente na posição de educador(a), exercitar a devoção e o cuidado com as atitudes e com as palavras.

O entendimento do conteúdo e a relevância da temática também se mostraram ausentes em observações realizadas em algumas unidades a partir da análise de uma tirinha da Laerte Coutinho, realizada em sala de aula (figura 1).



Figura 1 – Tirinha apresentada em aula.

Fonte: [https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/laerte/oa-laerte/?content\\_link=3](https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/laerte/oa-laerte/?content_link=3)

Laerte Coutinho é uma cartunista e chargista brasileira que se assumiu transgênero aos 59 anos. Várias de suas obras relatam o cotidiano de pessoas que fazem parte da comunidade LGBT, ironizando e satirizando questões sociais, culturais e históricas, como a LGBTfobia, o machismo e o patriarcado.

Após a apresentação da imagem, contextualizada com a história da Laerte, e a discussão sobre questões relacionadas à identidade e expressão de gênero, surgiram dúvidas por parte discente sobre o sentido da tirinha, como mostram as unidades U41NV e U42NV, respectivamente: “a problemática da tirinha, no caso, seria: ele ‘tá’ falando que *ela* não pode embarcar assim, ou o fato de ele ter chamado *ela* de senhor, de senhora? O fato de como chamar *ela*”; “a problemática, no meu ponto de vista, é a forma como ele ‘tá’ sendo preconceituoso com a vestimenta *dela*, com a forma *dela* se vestir. Porque tu não vai ofender a pessoa por falar senhor, senhora”. Como afirmam Pocahy, Oliveira e Imperatori (2009, p. 119),

[...] as expressões de gênero e sexualidade dissociadas da sequência sexo-gênero-sexualidade são tratadas como diferenças não passíveis de representação, dada sua suposta não-naturalidade.

A utilização de pronomes femininos para identificação de tal personagem, que não pronunciou seu gênero, pode demonstrar, tanto a falta de compreensão da sátira apresentada, como rejeição da fluidez de expressão de gênero, independente do sexo biológico da pessoa em questão. Segundo Butler (2003, p. 181),

[...] o desafio político consiste em tomar a linguagem como meio de representação e produção, tratá-la como um instrumento que constrói invariavelmente o campo dos corpos e que deve ser usado para desconstruí-lo e reconstruí-lo, fora das categorias opressivas do sexo.

Logo, fica explícito que as diversas instituições e práticas sociais são organizadas pelos gêneros, e são, da mesma forma, constituintes dos gêneros. Tais ações fabricam os sujeitos, moldam suas opiniões e dificultam as concepções diferentes do modelo considerado norma pelo indivíduo.

Comentários em forma de chacota a partir de outra obra da autora Laerte (figura 2), logo após eu ler em voz alta a tirinha para a turma e perguntar qual significado aquele discurso tinha para cada um deles e cada uma delas, também foram evidenciados em relação ao personagem de coloração rosada, como mostra a unidade U34NV, “o cara é surdo”, provavelmente por questionar cada afirmação realizada pelo outro personagem. Tal pronunciamento causou desnecessária agitação da turma e demonstrou a falta de maturidade, a heteronormatividade compulsória e o machismo correlacionado à masculinidade frágil que o discente que emitia esses comentários apresentava ao falar sobre questões relacionadas à Diversidade Sexual e de Gênero, mesmo que implicitamente. Neste caso, essas características servem para a “reestruturação de uma masculinidade frágil, que necessita constantemente se reafirmar por meio do desprezo dos outros-não-viris [...]. Sexismo e homofobia aparecem, então, como as duas faces de um mesmo fenômeno social” (BORRILLO, 2009, p. 36).



Figura 2 – Tirinha apresentada em sala de aula.

Fonte: <https://www.bocamaldita.com/uma-cornucopia-para-todos-em-2013-por-laerte/>

Como evidenciado na Categoria II deste trabalho, questões sobre religião e o movimento LGBT também foram expostas em unidades desta categoria e contribuíram para a evidenciação das resistências à abertura dos diálogos e problematização de outros aspectos para além da normatividade posta sobre diversidade sexual e de gênero, como as unidades: “como que ‘cê’ vê essa briga, digamos assim, né, das pessoas que lutam por essa causa com a questão religiosa?” (U29NV); “a gente vê, assim, que vários países já tiveram parte constitucional, a parte de legislação. Mas como seria essa guerra com a parte religiosa, que a gente vê que é difícil? A parte religiosa tem a sua autonomia, pra ensinar, pra fazer as pessoas andarem segundo a doutrina, né. Como seria isso? Como vocês veem isso?” (U29NV). A utilização das palavras “briga” e “guerra” ao falar sobre a associação entre religião e “essa causa” (não há identificação articulada, mas supondo que seja a causa LGBT), e o evidente incômodo, como já comentado na Categoria V, em apenas pronunciar palavras associadas à Diversidade Sexual e de Gênero, mostram que,

Quando o assunto contempla discussões sobre identidades e práticas que são dissidentes dos padrões hegemônicos da heterossexualidade transparecem muitas tensões. É digno de nota que, na esfera pública, sobressaiam muito mais posturas de rejeição e repúdio do que discursos de conciliação (NATIVIDADE, 2013, p. 36).

A unidade U31NV demonstrou resistência por parte discente, mesmo após minha intervenção sobre a ausência de “guerras” e “brigas” entre tais assuntos,

apenas diferentes posicionamentos e opiniões: “Eu digo mais em relação, assim, a parte até de legislação, sabe. Até onde, por exemplo, assim, seria um crime de homofobia, por exemplo? Por exemplo, até onde um religioso poderia falar sobre isso?”.

Segundo a Lei nº 7.716/1989, a qual concretiza a previsão constitucional do Inciso XLII do 5º art., foi reconhecida a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero como sendo de “raça”, e, portanto, configura crime de racismo. Porém, o Supremo Tribunal de Justiça (STF) publicou uma tese em que, na Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão (ADO 26/DF), número 2,

A repressão penal à prática da homotransfobia não alcança nem restringe ou limita o exercício da liberdade religiosa, qualquer que seja a denominação confessional professada, a cujos fiéis e ministros (sacerdotes, pastores, rabinos, mulás ou clérigos muçulmanos e líderes ou celebrantes das religiões afro-brasileiras, entre outros) é assegurado o direito de pregar e de divulgar, livremente, pela palavra, pela imagem ou por qualquer outro meio, o seu pensamento e de externar suas convicções de acordo com o que se contiver em seus livros e códigos sagrados, bem assim o de ensinar segundo sua orientação doutrinária e/ou teológica, podendo buscar e conquistar prosélitos e praticar os atos de culto e respectiva liturgia, independentemente do espaço, público ou privado, de sua atuação individual ou coletiva, desde que tais manifestações não configurem discurso de ódio, assim entendidas aquelas exteriorizações que incitem a discriminação, a hostilidade ou a violência contra pessoas em razão de sua orientação sexual ou de sua identidade de gênero (BRASIL, 2019)

Logo, como afirmam Rios e Santos (2009, p. 147),

O sistema [...] não tem conseguido superar o silêncio acerca das múltiplas expressões da diversidade sexual. Não basta, pois, eliminar preconceitos e estereótipos; é necessário rumar para o reconhecimento da diversidade sexual, dado que essa é uma exigência essencial ao fortalecimento democrático e ao respeito aos direitos fundamentais no processo educacional.

Portanto, assim como exposto na Categoria II, a complexidade em se apresentar e discutir assuntos relacionados à Diversidade Sexual e de Gênero em sala de aula é perceptível, tanto para quem ocupa a posição de docente, quanto para discentes (U5DII; U4HII; U4DII; U2DII; U3LII), e a todo o momento evidenciam-se obstáculos e resistências à discussão.

## **5 Terceiro Corpus: Atividades com a temática Diversidade Sexual e de Gênero realizadas por estudantes de Licenciatura em Ciências da Natureza**

Neste capítulo apresentarei e discutirei as categorias finais do terceiro *corpus* de análise e as unidades criadas a partir do processo analítico das respostas às fichas de avaliação de Livros Didáticos de Biologia – PNLD 2018/Ensino Médio (apêndice B) e da articulação dessa avaliação na elaboração e apresentação de uma proposta de atividade prática (apêndice C) de aula. Todos os diálogos foram registrados por meio das transcrições dos áudios. As atividades foram realizadas durante o mesmo período em que ministrei Práticas Pedagógicas II, já comentada no segundo *corpus*.

Na ação docente, um processo importante de formação e desenvolvimento da profissão está no conhecimento, análise, seleção e utilização de Livros Didáticos (LDs). Os LDs, principalmente para escolas públicas, podem ser a única fonte de informação confiável que um/uma estudante pode obter, visto que ainda há escolas sem biblioteca ou acesso à internet para pesquisa escolar. Logo, a qualidade do conteúdo disponível, nestes materiais de apoio ao educador e à educadora, deveriam ser pesquisados e avaliados de acordo com a necessidade social e cultural da região em que fossem utilizados.

Auxiliares no Ensino de Ciências, tanto para compartilhamento teórico, quanto com imagens e ilustrações de cunho astronômico, microscópico e anatômico, por exemplo, os LDs são avaliados e disponibilizados gratuitamente pelo PNLD para escolas públicas de educação básica e à instituições de educação infantil de diversas redes. Porém, há uma ampla diversidade de informações encontradas nos diferentes livros ofertados. Alguns livros possuem certos conteúdos que faltam em outras coleções, assim como o contrário também acontece. Logo, por se tratar de uma turma com futuros docentes de Ciências da Natureza, escolhi realizar a tarefa de análise dos LDs como uma atividade importante à formação docente, pois além de permitir à turma o conhecimento do processo de avaliação, ela incentiva a pesquisa em diversas fontes, a busca pela instrução de como e onde conseguir estes materiais de apoio e escolher o que mais lhe interessasse de acordo com as necessidades que achassem relevantes, a estudar para a construção das aulas, buscando sempre responsabilidade, conhecimento e respeito através da ação docente.

Para a realização da proposta de avaliação dos Livros Didáticos a turma foi dividida em 3 grupos, e logo após eu li e expliquei cada item de cada ficha de avaliação, e como eu gostaria que os documentos fossem preenchidos. Os livros foram escolhidos, por mim, após pesquisar a existência ou a falta de conteúdos relacionados à Diversidade Sexual e de Gênero nas coleções sugeridas no guia digital do PNLD de 2018 para o Ensino Médio. Dado que, como já evidenciado na unidade U1JIV na Categoria I do Primeiro Corpus, “...os conhecimentos estão organizados de forma rígida e hierárquica no currículo escolar...” e há uma recorrência da “tarefa” de atribuir os temas da diversidade sexual à área da biologia, não foram encontradas passagens de trabalho com essa temática em livros de outras áreas das ciências. Por esse motivo, para realizar a análise pontual sobre o modo como surgiam as discussões dessa temática, selecionei e entreguei um Livro Didático de Biologia para cada grupo, visto que é nesta área das Ciências da Natureza que os conteúdos sobre Diversidade Sexual e de Gênero são abordados.

O primeiro livro que selecionei considerei o mais aceitável entre os escolhidos, pois, diferente dos outros, apresentava informações sobre orientação sexual, gênero e identidade de gênero, e enfatizava que “a sexualidade não se restringe ao sexo biológico, que é aquele definido pela presença de órgãos sexuais femininos ou masculinos. Ela envolve sentimentos e atitudes relacionadas à vida sexual e afetiva das pessoas.” (CATANI, 2016, p. 182). A escolha do segundo material fez-se a partir do encontro de um box, destacado fora do restante do texto, com conteúdo complementar que explicava a homossexualidade e desaprovava a discriminação sexual, e mesmo falando apenas sobre uma orientação sexual diferente da heterossexual, defendia que “caráter, talento e capacidade profissional não tem sexo nem são exclusivos de heterossexuais ou homossexuais.” (LINHARES, 2016, p. 165). O último LD foi definido por não conter informações sobre Diversidade Sexual e de Gênero, justamente para observar a atenção do grupo que trabalharia com este livro, e se os/as discentes defenderiam ou não a falta do conteúdo – aspectos também importantes de serem observados na análise dos materiais e na própria formação docente (LOPES, 2016).

Ao fim, por conta do tempo curto para a realização da tarefa, indiquei os capítulos de cada livro que abordava Educação Sexual, e expliquei porque assuntos

relacionados à Diversidade Sexual e de Gênero encontravam-se naquele espaço do Livro Didático de Biologia, algo já evidenciado no Primeiro Corpus desta pesquisa. Retomando a ideia desse corpus, reforço que, conforme a unidade U12GI da Categoria I, é na aula de Biologia “o único momento em que ocorrem ações voltadas ao debate da sexualidade na escola, e nele continua a ser apresentado um corpo e uma sexualidade desconectados de questões históricas e sociais”. As análises seguiram apenas os questionamentos das fichas de avaliação, e os resultados foram obtidos pela interpretação dos conteúdos contidos (ou não) nos capítulos indicados dos Livros Didáticos. O exercício foi realizado em dois períodos de 45 minutos cada, e a discussão dos resultados aconteceu em um período da aula no dia seguinte.

Na aula posterior à apresentação e início da atividade, solicitei para a turma que integrassem suas análises e expusessem seus entendimentos sobre os temas expressos nos LDs por meio da realização de uma proposta de atividade prática, entregando impressa as informações necessárias para a realização da tarefa, para prevenir qualquer confusão. Solicitei que, em duplas, apresentassem como eles e elas abordariam a temática Educação Sexual na posição de docente em suas aulas, exercício interessante para professores e professoras em formação. Decidi solicitar este tema, e não diretamente Diversidade Sexual e de Gênero, tanto para dar liberdade de escolha e expressão, quanto para observar se os/as discentes demonstrariam resistência para falar sobre sexo, gênero, orientação sexual, identidade de gênero e/ou expressão de gênero. A apresentação foi feita por meio de slides com os dados de identificação do grupo (nome dos componentes do grupo e o ano escolar para qual se aplicaria a aula), algum assunto específico a partir da temática central, o conteúdo de Ciências da Natureza ao qual se relacionaria, os objetivos daquela aula, a metodologia que utilizariam, como avaliariam o acontecimento ou não do processo de ensino-aprendizagem, e os resultados que a dupla esperava alcançar desenvolvendo aquele conteúdo. Cada grupo deveria apresentar suas respostas da proposta de atividade prática em 15 minutos, e teriam 5 minutos para as minhas considerações e da turma, caso fosse necessário. Sugeri para os e as discentes a utilização do Livro Didático como material de apoio ao/a professor/professora, solicitando a utilização do livro como complementar à pesquisa para a realização do trabalho. Para analisar os resultados, desenvolvi uma ficha de

avaliação da proposta de atividade prática (apêndice D) a qual eu preenchia durante e após a apresentação de cada dupla, além da gravação dos áudios das apresentações.

Como percebi dificuldades por parte de alguns/algumas discentes em interpretar e desenvolver a proposta, visto que a turma ainda não havia estudado características de um plano de aula. Decidi realizar uma simulação da proposta de atividade prática na aula posterior à solicitação do exercício e demonstrei, por meio de slides, como gostaria que cada dupla realizasse sua pesquisa e sua apresentação.

Na minha simulação, escolhi o assunto “doação de sangue”, e decidi que o primeiro ano do ensino médio era o que mais se encaixava, pois este é o período em que se estuda sangue, linfa e sistema imunitário na Biologia. Meus objetivos, em relação a turma, eram: entender a composição do sangue, para que serve e como funciona no organismo humano; compreender como e para que existe doação de sangue; perceber os motivos do preconceito quanto à orientação sexual homossexual e à doação de sangue. Logo, a metodologia que solicitei foi a apresentação, por parte do/da docente, dos conceitos científicos envolvidos no sistema sanguíneo (composição do sangue, para que serve, como funciona no organismo e procedimentos envolvidos no processo de doação). Após, seria pedido para os/as discentes pesquisarem notícias (de fontes seguras) sobre doação de sangue e homossexualidade, no site da Secretaria da Saúde – RS dados sobre doação de sangue, para logo após visitarem o Hemocentro Regional de Pelotas (Hemopel), utilizar um questionário de forma anônima para entrevistar um responsável pela triagem sobre o protocolo de coleta e pedir autorização para obtenção e utilização dos dados da ficha avaliativa para doadores voluntários em um trabalho escolar (amostra, foto, virtual). Ao fim, haveria uma organização da turma para um tribunal com advogados (discentes) e juiz (docente) com a seguinte questão: a orientação sexual do doador é uma informação relevante para o ato de doação de sangue? Nesta experiência, um grupo de discentes-advogados/as deveria argumentar a favor da questão, e o outro grupo de discentes-advogados/as, contra (com base nos dados coletados durante o projeto e nas pesquisas realizadas). Nesta simulação, a avaliação aconteceria com base nas argumentações do falso tribunal, tendo em vista a realização e o estudo sobre a pesquisa realizada, tendo como resultados esperados

para os/as discentes, argumentos coerentes que resultassem em ações críticas e desenvolvimento de conhecimento para tomada decisões. Com essa proposta de “exemplo”, a turma elaborou suas propostas após a análise do livro e as apresentou.

As tarefas selecionadas foram analisadas e unitarizadas, movimento que orientou a criação de 3 categorias finais: *a contradição presente no Ensino de Ciências; o desenvolvimento do senso crítico e do respeito como pontos-chave; o preconceito e seus efeitos: distanciamento, isolamento social e crimes à vida.*

## 5.1 Categoria VII - A contradição presente no Ensino de Ciências

Para produzir esta categoria, analisei textos teóricos sobre contradições na educação e no ensino de Ciências, além de revisar minhas anotações e as transcrições dos áudios das aulas, e constatei que havia falas e ações de um/uma mesmo/mesma discente que se contradiziam. Logo, percebi que certos/certas alunos/alunas apenas realizaram as atividades propostas da maneira mais respeitosa possível. Infelizmente, algumas das pessoas que apresentaram este comportamento não autorizaram a utilização de suas falas e seus trabalhos para esta pesquisa, portanto só tenho a ressaltar que estes/estas estudantes trataram de assuntos como prevenção de ISTs e/ou de gravidez indesejada em suas apresentações, evitando falar sobre Diversidade Sexual e de Gênero.

Não perceber a contradição de ideias presentes em discursos, principalmente em ações e concepções pessoais, pode ser uma ação involuntária, visto que, por exemplo, a pessoa pode ser a favor da inserção de discussões sobre Diversidade Sexual e de Gênero na escola, mas não trabalha a exclusão de preconceitos e discriminações dentro de seus próprios discursos, seja dentro ou fora do ambiente escolar. Conforme Souza e Dinis (2010, p. 132),

Configura-se também como um problema a contradição entre a importância atribuída às temáticas e a incapacidade em discuti-las em sala de aula. Em termos práticos, a existência de profissionais cientes da sua responsabilidade, mas inaptos/as a realizar as tarefas necessárias, acaba por trazer pouca contribuição na resistência à exclusão e ao preconceito na escola. Estas são outras questões que reforçam a necessidade de reformas curriculares dentro das universidades e, em especial, nos cursos de licenciatura.

A apresentação da proposta de atividade prática de um/uma discente (que não autorizou o uso de suas falas neste trabalho) teve como tema a prática denominada sexting, que “é o compartilhamento de conteúdo erótico – recados, fotos ou vídeos – em mensagens e redes sociais” (SILVEIRA, 2019). Nessa apresentação, ele banalizou uma imagem utilizada em sua exposição, que manifestava uma notícia de suicídio após a exposição em massa de uma foto considerada sexting.

Conforme mostra a unidade de significado U5SVII, realizei uma observação que se encaixa nas discussões para esta Categoria, afirmando que “Tu comentou que era uma foto banal, aí eu escrevi aqui uma observação: banal pra quem? Isso é

interessante de se pensar. Tu cuida se tu for falar ‘ah! Não foi nada demais...’ Não banalizar as coisas, principalmente em sala de aula. Porque se fosse contigo, talvez tu não acharia banal”. Ou seja, o/a estudante expressou que desaprovava a prática do sexting, mas desconsiderou o sofrimento alheio. Logo, segundo Souza (2011, p. 20), “o militante tem muita dificuldade para pensar na contradição, porque, por definição, ele não pode entender o ponto de vista do adversário, pois, se entender o ponto de vista do adversário, corre o risco de perder força militante.”

Outro ponto importante para se observar é de que, se analisada a ideia filosófica da contradição, em determinados momentos ela pode sofrer uma releitura e ser posta não como limitação, mas como ferramenta importante para a (re)construção de significados. Nesse sentido, utilizando a contradição como instrumento de produção de conhecimento, há momentos que sem ela não há como representar nenhum dos objetos postos em discussão sobre uma questão. Por exemplo, não haveria como pensar em preconceito quanto às orientações sexuais diferentes da heterossexual sem pensar em diversidade sexual humana, sem internalizar que existem outras orientações sexuais diferentes da heterossexual, pois as duas concepções estão inter-relacionadas, mesmo tendo significados diferentes e realizando papéis contraditórios na construção dos discursos. Conforme Souza (2011, p. 19),

Há dialética [...] quando dois conceitos, ao mesmo tempo, são contraditórios e não se pode pensar um sem pensar outro. Essa é a dialética famosa de Hegel, do servo, ou do escravo, e do dono. Dono e escravo são contraditórios em conceito, mas não se pode pensar em dono sem pensar em escravo, e não se pode pensar um escravo sem pensar um dono.

Logo, pela via do sentido produtivo da contradição, a percepção de discursos contraditórios relacionados à Diversidade Sexual e de Gênero na educação pode auxiliar ao receptor da informação a compreender o que está se contrapondo e sustentar a problematização do informante. Segundo Coelho (2014, p. 68), “para desvelar sentidos e significados preconceituosos é importante problematizar discursos contraditórios que expressam o preconceito velado ou sutil. Essa problematização só ocorrerá quando evidenciados tais discursos e ideias”.

## 5.2 Categoria VIII - O desenvolvimento do senso crítico e do respeito como pontos-chave

Durante a criação da Categoria VII pude observar que, havendo contradições em determinados discursos dos objetos analisados, no momento em que os/as discentes são chamados/as a falar durante as aulas, seja expressando opiniões, seja expondo uma dúvida sobre o tema, a expressão das suas propostas era realizada de forma respeitosa, utilizando termos que eu apresentara em sala de aula. Quando não sabiam como se referir a algum tipo de identidade ou orientação, pensavam na melhor maneira de formular uma frase que explicasse a dúvida, atentos para não fazê-la soar discriminatória ou preconceituosa.

A unidade U12SVII discute o principal objetivo da proposta de atividade de uma das duplas observadas e exemplifica muito bem esta questão ao perceber-se na fala do/da discente o adiamento da utilização de palavras utilizadas ao se discutir Diversidade Sexual e de Gênero, deixando estas características para o final da frase, anunciando outras particularidades antes.

Deixar os alunos se sentirem à vontade na sociedade deles [...], demonstrando quais são os tipos de diversidade encontrados na sociedade, aqui abrange várias diversidades. Tem gente que gosta de rock, tem gente que gosta de pagode, tem gente que gosta de sertanejo, tem gente que gosta de preto, tem gente que gosta de rosa... tem homossexual, tem heterossexual, tem transgênero, tem cisgênero, tem não-binário, e nenhum diretamente relacionado com o outro. São diversidades diferentes em fatores diferentes, relacionados diferentes. [...] E aí então tem uma pergunta, essa é a que faremos que vai mais impactar, assim, como a sociedade; se eles são... se nós somos quem queremos ser ou somos quem a sociedade permite.

Percebe-se a valorização social da Diversidade Sexual e de Gênero presente também na unidade U11SVII, que repudia atos discriminatórios e enaltece o respeito e a tolerância dentro do ambiente escolar, pensamento de extrema relevância para docentes em formação, mostrando que os objetivos da simulação de aula de certa dupla seria

Compreender a infinidade de diferenças de uma família para outras, não se fixando no padrão núcleo-cultural que é imposto, no caso que a gente aprende naquele rótulo de margarina. Dar aos alunos a oportunidade de conhecer os seus colegas, se colocar no lugar do outro, aprendendo sobre suas limitações, diferenças e escolhas. Tendo a capacidade de entender sobre seu corpo e, assim, quebrar as regras, os padrões para que cada um possa compor e ser membro de sua família ideal.

Conforme Lionço e Diniz (2009, p. 9),

A vivência escolar permite a apresentação da realidade social em sua diversidade. A discriminação é uma prática social que marca o cotidiano das escolas. Opera a desqualificação do outro, podendo acarretar graves danos pessoais e sociais. Entende-se a prática discriminatória como a valoração das diferenças de modo a promover desigualdades ou prejuízos para as partes desqualificadas. A educação é uma ferramenta política emancipatória, que deve superar processos discriminatórios socialmente instaurados, a fim de transformar a realidade pela reafirmação da ética democrática.

A unidade U15RVI articula as ideias manifestadas nesta Categoria ao comentar o resultado final esperado da apresentação da Proposta de atividade de um dos grupos:

o resultado que a gente espera é criar o senso crítico nesses alunos, até por isso trazer relações estatísticas, pra analisar suas próprias atitudes com os colegas, identificando a prática ou não de atos considerados como bullying e homofobia; compreender que o respeito é a principal regra para se viver em sociedade; entender o direito moral e constitucional que todos possuem de serem como se identificam; e acabar, ou ao menos tentar acabar com o tabu em relação a diversidade de gêneros dentro da sala de aula.

Assim sendo, as unidades encontradas nesta categoria demonstraram a presença de compreensão sobre Diversidade Sexual e de Gênero de estudantes na realização das atividades. Salienta-se em seus discursos empatia e respeito social, e se expõe conhecimento sobre questões relacionadas à identidade de gênero, orientação sexual, expressão de gênero, papéis de gênero, e diferenciação entre sexo biológico e gênero, pois, uma vez que papéis de gênero são “padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar...” (LOURO, 2003, p. 24), trabalhar e compreender sobre tais elementos auxilia na formação de uma sociedade respeitosa e empática.

### 5.3 Categoria IX - O preconceito e seus efeitos: distanciamento, isolamento social e crimes à vida

Esta categoria busca discutir a capacidade que discentes estabeleceram e demonstraram em relacionar a Diversidade Sexual e de Gênero trabalhada em sala de aula com assuntos que não tiveram o foco central nas aulas, mas que se mostraram de extrema relevância e de considerável importância. Exemplos como as consequências físicas e psicológicas do preconceito e da discriminação sexual e de

gênero para as pessoas que sofrem com esse tipo de crime, a falta de informação midiática e a desvalorização social desses acontecimentos, que podem gerar a falta de conhecimento dessas ações e a negação da existência desses atos delituosos.

As unidades encontradas demonstraram a necessidade de se apresentar e discutir sobre Diversidade Sexual e de Gênero dentro da escola, evidenciando que a discriminação sexual e de gênero podem ocasionar o distanciamento e o desligamento educacional de estudantes da escola, pois “a homofobia está diretamente ligada à evasão escolar, e estes atos homofóbicos dentro da escola são ditos, muitas vezes, somente como bullying. E para muitos pais, por mais que seja debatido na escola, são vistos apenas como brincadeiras infantis. E não são” (U9RIX).

Estas ideias já apareceram anteriormente neste trabalho, na Categoria III do Primeiro Corpus, na Categoria VI do Segundo Corpus, ressaltando a falta de discussões sobre o sexismo e a LGBTfobia na educação e na escola. A unidade U10RVI ainda observa a questão legal sobre a discriminação sexual, como já comentada no segundo corpus, deixando claro que esta ação, “dentro do ambiente escolar pode ser considerada bullying pela escola, mas é um ato criminoso”. Conforme Silva e Bornia (2009, p. 50),

No que se refere à criminalização de condutas, não há uma valoração estática de bens jurídicos. Tal valoração modifica-se de acordo com as mudanças sociais e o momento histórico em que se encontre uma sociedade. Na seara das condutas homofóbicas, a tipificação que outrora e alhures talvez se mostrasse desnecessária, no momento atual, diante da agilidade com que ocorrem tais mudanças, mostra-se primordial.

A unidade U6SVI comenta a desvalorização destes atos discriminatórios por parte da sociedade, demonstrando a desvalorização criminal quando trabalha com questões e pessoas LGBTs, visto que estes casos, “muitas vezes, não aparecem nas estatísticas. Quantos casos não devem ter que a gente não vê nas estatísticas? Tanto depressão, como até mesmo suicídio envolvendo esse assunto. Nunca foi falado”.

Essa unidade aborda um assunto de extrema importância, que eu não esperava que surgiria na fala de um estudante durante o período de Estágio Supervisionado, mas que me deixou orgulhosa do meu trabalho como educadora. Em síntese, ela se associa à evidência de que

O homicídio e o suicídio são dois modos de morte trágicos frequentes entre gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros em decorrência da LGBTfobia.

Contudo, no Brasil, não é exata a obtenção de números absolutos sobre essas ocorrências, pois os registros de óbitos não apresentam nos dados de notificação os itens orientação sexual, nome social e identidade de gênero. Conseqüentemente, inexistem a possibilidade de realizar o levantamento de óbitos de pessoas não heterossexuais e, além disso, mulheres trans e travestis são registradas como homens em suas declarações de óbito, enquanto homens transexuais são registrados como mulheres (Baére, Conceição, 2018, p. 76).

Diante disso, os assuntos apresentados por estes e estas discentes, mesmo não apresentando diretamente o foco central da aula, ou seja, a Diversidade Sexual e de Gênero e suas características, acrescentaram observações e mostraram-se muito relevantes para se discutir em sala de aula. Outro ponto interessante foi que alguns destes comentários foram expostos diretamente pelo/pela discente, demonstrando interesse pela temática e coragem para salientar suas dúvidas e curiosidades. Logo, perceber e reconhecer que há preconceito e discriminação sexual e de gênero na sociedade, e que estas concepções podem ocasionar o distanciamento social e até mesmo crimes contra seres humanos, é um ato revolucionário.

## **6 Considerações Finais**

A educação é um ato que transforma sujeitos, os quais terão a potencialidade de modificar a sociedade. Num contexto de pluralidade de posições políticas, subjetivas, estéticas, éticas, econômicas, etc., e de sua constante interação, além das funções objetivas de perpetuar os conhecimentos produzidos pela sociedade, a escola também têm a função de permitir as ações de fluidez entre sujeitos dessa sociedade, seu diálogo, espaço, respeito. Com essa perspectiva, abordar a temática de Diversidade Sexual e Gênero nos espaços escolares, assim como de formação de docentes torna-se um elemento importante de ampliação de conhecimentos, desenvolvimento de saberes e de integração social numa perspectiva de pluralidade.

Neste estudo, constituído tanto por um processo de análise documental quanto por uma ação de pesquisa participante, desdobrada em distintas estratégias para problematização da temática objeto de pesquisa, apontei, tanto como título quanto como questão genuína, se estamos preparando Licenciados/as da área de Ciências da Natureza para falar sobre Diversidade Sexual e de Gênero na Educação Básica. Do que evidenciei, nesse recorte limitado, restrito, porém significativo e representativo de uma política de formação e de produção de conhecimentos, assumo o risco de me posicionar e responder negativamente à questão posta. Isto, pois, conforme evidenciado em todo o desenvolvimento desta pesquisa, tanto a escola e o ambiente educacional de ensino, quanto o currículo preparado a partir de um molde que não possui inclusão social diante da temática abordada, até mesmo os professores e as professoras que estão em formação, não possuem os instrumentos teóricos e práticos para apresentar e discutir Diversidade Sexual e de Gênero na Educação Básica.

Com base na análise do primeiro corpus de pesquisa, pude constatar que a temática Diversidade Sexual e de Gênero na Educação Básica é apresentada por docentes da área de Ciências, como afirma a BNCC de 2017. Observei que educadores e educadoras trabalham questões relacionados às propriedades anatômicas, morfológicas e fisiológicas do corpo humano, mas têm dificuldades em discutir questões como orientação sexual e identidade de gênero em sala de aula, tanto por questões religiosas pessoais e/ou da comunidade escolar, quanto por

preocupação com a interpretação que os/as responsáveis pelos/pelas estudantes terão sobre o tema.

Constatei que movimentos preconceituosos e discriminatórios em relação a gênero/identidade de gênero ou a orientação sexual apresentam-se associados a princípios sexistas, existentes, ainda, na sociedade atual, e portanto, no ambiente escolar. A fundamentação teórica que originou as questões já apresentadas sobre Diversidade Sexual e de Gênero foi verificada no momento de análise de discursos encontrados em todo o corpus. Os discursos demonstraram que as relações de poder constroem a forma das regras culturais e do controle social, moldando, assim, a historicidade social, conforme a prevalência do item de que se trata.

A avaliação crítica do segundo corpus de pesquisa, composto por falas manifestadas durante as aulas da disciplina de Prática Pedagógica II trabalhadas pela pesquisadora em sua Prática de Estágio Supervisionado, apontou que as indagações realizadas pelos alunos e pelas alunas são compostas, em maior parte, por dúvidas sobre termos utilizados em discussões sobre Diversidade Sexual e de Gênero. A falta de conhecimento sobre o assunto abordado é direcionada em forma de pergunta, fato que demonstra interesse em receber informações sobre diferentes orientações sexuais, diversas identidades de gênero, diferença entre sexo biológico e gênero, e papéis de gênero elaborados a partir de construções e relações de poder.

Ao final da análise do Segundo Corpus desta pesquisa foram encontrados comentários que demonstram a presença de conhecimento sobre relações de poder e discurso, e a temática em que são expostas concepções sobre expressão de gênero, diversidade sexual, identidade de gênero, diferença entre sexo biológico e gênero. Pode-se observar a presença de empatia e respeito nos discursos realizados pelos alunos e pelas alunas ao exporem suas opiniões, que constataram ideias como o reconhecimento do sexismo imposto socialmente, o impacto que questões religiosas têm sobre a construção social e o ambiente escolar, demonstrando compreensão e consideração com características englobadas por discussões sobre Diversidade Sexual e de Gênero.

Os encaminhamentos que a última análise e a construção do produto educacional trarão são esperados no sentido de tanto contribuir à compreensão dos

discursos, posicionamentos e referências à temática da Diversidade Sexual e de Gênero, bem como de contribuir à elucidação de alguns conceitos, temas e propostas que, sistematicamente, podem representar dúvidas gerais sobre o assunto e ter como efeitos a divulgação de informações equivocadas ou preconceituosas.

As unidades de significado e as Categorias do Terceiro Corpus demonstraram a contradição presente no Ensino de Ciências, demonstrando, a partir de ações de docentes em formação, que apoiar ou defender certo movimento ou conceito não quer dizer, necessariamente, estar preparado para discutir estas questões em sala de aula, pois a formação docente e a opinião pessoal podem se contradizer e gerar a anulação de uma destas, visto que o Ensino de Ciências da Natureza está diretamente ligado às Ciências Sociais, às Ciências Econômicas, à cultura, à religiosidade, ou seja, à questões diversas que se diferenciam conforme a localidade do/da docente. Entretanto, pela via produtiva da contradição, tais aspectos ganham potência de modificação ao serem postos em foco e problematizados.

O último corpus também analisou o desenvolvimento do senso crítico e do respeito como pontos-chave das discussões sobre Diversidade Sexual e de Gênero na Educação, tanto para os educadores e das educadoras para trabalhar a temática, quanto para se desenvolver com discentes. Estas características são de extrema importância na formação da educação de indivíduos sociais, pois, como também analisado neste Corpus, a discriminação sexual e de gênero e o preconceito podem ocasionar efeitos negativos na vida de pessoas LGBTQs, podendo ser a causa de isolamento social, distanciamento escolar e até mesmo tendo potencial para causar crimes à vidas.

Estas percepções me fizeram observar todo o planejamento e o desenvolvimento da minha ação investigativa integrada à Prática de Estágio Supervisionado. O assunto central que iria ser trabalhado, a metodologia que utilizaria para cada temática que gostaria de evidenciar em sala de aula, a organização do cronograma, das tarefas, dos recursos, e o resultado final dessa grande ação formativa me fizeram refletir sobre o Ensino de Ciências ligado à formação docente desta mesma área, a maneira como a Ciência é trabalhada na licenciatura.

A dimensão epistemológica evidente nas unidades encontradas nesta e em outras categorias do segundo corpus me proporcionaram um aprendizado imenso e não premeditado, e acredito que minha prática docente tenha deixado marcas similares na trajetória acadêmica dos/das discentes da turma em que trabalhei. Conforme Machado e Sasseron (2012, p.33),

Problematizar é possibilitar ao estudante criar, pensar, explorar toda e qualquer forma de conhecimento e objetos de seu pensamento na busca pela solução. O espaço de sala de aula é um espaço de construção coletiva onde os significados são estabelecidos. Essa essência da significação é também parte importante do trabalho ao olharmos as perguntas em sala de aula, pois o professor, em sua ação discursiva, pode auxiliar os alunos no empreendimento da aprendizagem. [...] Sendo esta a categoria tipificada para analisar a pergunta do professor em aulas investigativas de Ciências, devemos considerar importantes as dimensões da nossa definição de pergunta e o embasamento trazido por elas. Dessa forma, garantimos a coerência interna da categoria e seu limite de aplicação.

A partir da análise dos materiais coletados para a realização desta pesquisa, além do grande estudo para conhecimento próprio sobre Diversidade Sexual e de Gênero na construção das aulas para a Prática de Estágio Supervisionado, pude construir um website, cujo objetivo é educar e informar, tanto professores e professoras de Ciências da Natureza quanto qualquer pessoa que esteja interessada em conhecer sobre sexo, gênero, orientação sexual, identidade de gênero, expressão de gênero e a relação que possuem com a educação. Seu endereço de acesso é <https://brunapviiana.wixsite.com/educacaodiversidade>.

Esse material é constituído de uma plataforma on-line e gratuita, que apresenta, em sua introdução, um botão de direcionamento para uma vídeo explicativo de 5 minutos sobre sexo, gênero, orientação sexual e identidade de gênero, ou seja, questões sobre a Diversidade Sexual e de Gênero. O website também apresenta 6 textos acadêmicos sobre esta temática relacionada à educação e um manual para o uso não sexista de linguagem, que pode ser estudado e utilizado em sala de aula, disponíveis para download. A plataforma direciona o leitor para uma página do site Nova Escola que apresenta diversos planos de aula para o desenvolvimento da habilidade EF08CI11<sup>9</sup> de Ciências da Natureza, sugerida pela Base Nacional Comum

---

<sup>9</sup> “Selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética).” (BRASIL, 2018).

Curricular (2018), para o 8º ano do Ensino Fundamental, cuja unidade temática é Vida e Evolução. O website disponibiliza, tanto para visita online quanto o link para download do aplicativo, informações sobre o projeto educacional da ONG TODXS<sup>10</sup>, o TODXS Escola, que tem finalidade de reter mais pessoas transgêneros, transexuais e travestis dentro das escolas por meio da formação de estudantes e docentes. Por fim, a plataforma apresenta informações sobre os resultados encontrados nessa dissertação e um espaço para avaliação do conteúdo que está sendo divulgado pelo website.

Por fim, sendo negativa a percepção da resposta à questão problema desta pesquisa, por um lado, tenho a esperança de que o tema de Diversidade Sexual e de Gênero possa ganhar mais discussões, centralidade e adequação para o trabalho em sala de aula. Complementarmente, assumindo a noção de “esperança” a partir de Paulo Freire, esse “esperançar” vem associado a esta dissertação e ao website produzidos, os quais, espero, sejam um modo possível de ampliar as discussões e apresentar materiais possíveis para consulta de docentes e demais sujeitos interessados na compreensão dessa temática.

---

<sup>10</sup> Organização sem fins lucrativos que promove a inclusão de pessoas LGBTQ+ na sociedade com iniciativas de formação de lideranças, pesquisa, conscientização e segurança. <https://www.todxs.org/>

## Referências

- ABREU, Andrezza. **Educação Sexual e a Formação de Professores**: uma proposta para a formação inicial dos licenciados em ciências naturais. 2017. 64p. Dissertação (Mestre em Ensino de Ciências) – Universidade de Brasília, Brasília.
- ALMEIDA, Miguel; COSTA, Carlos; RODRIGUES, Liliana; PEREIRA, Miguel. **Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de gênero**. Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. Lisboa. 2010
- ALMEIDA, Sandra. Gênero, Identidade, Diferença. Aletria: Revista de Estudos de Literatura, v. 9, 2002. ISSN: 2317-2096. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1301> Acesso: 2020.
- ALTMANN, Helena. Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**, Campinas, n. 13, 2013. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-64872013000100004](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64872013000100004) Acesso em: 2021.
- BAÉRE, Felipe. CONCEIÇÃO, Maria Inês. Análise da produção discursiva de notícias sobre suicídio de LGBTs em um jornal impresso do Distrito Federal. **Revista Ártemis**, v. 25, n. 1, 2018, p. 74-88. ISSN: 1807-8214. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/37229>. Acesso em: 2021.
- BARROS, Suzana. RIBEIRO, Paula Regina. Educação para a sexualidade: uma questão transversal ou disciplinar no currículo escolar? **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 11, n. 1, 2012. ISSN: 1579-1513. Disponível em: [http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen11/REEC\\_11\\_1\\_9\\_ex570.pdf](http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen11/REEC_11_1_9_ex570.pdf) >. Acesso: 2020.
- BONFIM, Claudia. **Educação sexual e formação de professores de ciências biológicas: contradições, limites e possibilidades**. 2009. 267p. Tese (Doutora em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- BORRILLO, Danilo. **Homofobia & Educação**: um desafio ao silêncio. Brasília. LetrasLivres. 2009.
- BORTOLINI, Alexandre. Diversidade sexual e de gênero na escola. **Revista Espaço Acadêmico**. Maringá, n. 123, Agosto. 2011. ISSN: 1519-6186. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico> >. Acesso em: 2019.
- BRANDÃO, Carlos. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo. Brasiliense. 1984.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=7960](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7960)

[1-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category\\_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192](#). Acesso em: 2019.

BRASIL. Supremo Tribunal de Justiça. **Ementa**. Ação direta de inconstitucionalidade por omissão 26, Distrito Federal, 2019. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento>. Acesso em: 2021.

BRASIL. **Temas Contemporâneos Transversais na BNCC**: contexto histórico e pressupostos pedagógicos. Brasília: MEC, 2019. Disponível em: [https://observatoriogeohistoria.net.br/wp-content/uploads/2019/11/contextualizacao\\_temas\\_contemporaneos.pdf](https://observatoriogeohistoria.net.br/wp-content/uploads/2019/11/contextualizacao_temas_contemporaneos.pdf). Acesso em: 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMARGO, A. N. B.; LINDEMEYER, C.; IRBER, C.; RAMOS, M. G. **A pergunta na sala de aula: concepções e ações de professores de Ciências e Matemática**. In: VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Ciências (VIII ENPEC). Anais... Campinas, 2011.

CARDOSO, Fernando. O conceito de orientação sexual na encruzilhada entre sexo, gênero e motricidade. **Revista Interamericana de Psicologia**. v. 42, n. 1. 2008. p. 69-79. ISSN: 0034-9690. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-96902008000100008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-96902008000100008). Acesso em: 2020.

CATANI, André. **Ser protagonista**: biologia, 1º ano: ensino médio. 3 ed. São Paulo: Edições SM. 2016.

CHALMERS, A.F. **O que é ciência, afinal?** São Paulo, Brasiliense, 1993.

COELHO, Leandro. Diversidade sexual e ensino de ciências: buscando sentidos. Orientadora: Profa. Dra. Luciana Maria Lunardi Campos. 155 p. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/110899/000795239.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 2121.

COELHO, Leandro. CAMPOS, Luciana Maria. Diversidade sexual e ensino de ciências: buscando sentidos. **Ciência & Educação**. v. 21, n. 3, Outubro-Dezembro. 2015. ISSN: 1980-850x. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-73132015000400007&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132015000400007&lng=pt&tlng=pt) > Acesso: 2020.

COLLING, Leandro. A igualdade não faz o meu gênero – Em defesa das políticas das diferenças para o respeito à diversidade sexual e de gênero no Brasil. **Contemporânea**. v. 3, n. 2, Julho-Dezembro. 2013. ISSN: 2236-532x. Disponível em:

<http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/149> >  
Acesso: 2020.

DEMO, Pedro. Pesquisa participante: mito e realidade. **SENAC/DN**, n. 11, 1984. Rio de Janeiro.

EYNG, Ana Maria. GISI, Maria. ENS, Romilda. PACIEVITCH, Thais. **Diversidade e padronização nas políticas educacionais**: configurações da convivência escolar. Ensaio: aval. pol. públ. Educ. Rio de Janeiro. v.21. n. 81. p. 773-800, out./dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ensaio/v21n81/07.pdf> > Acesso: 2020.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FRIZZO, Taís. CARVALHO, Isabela. Tão perto e tão longe: escolhas próximas a unidades de conservação e os desafios para a ambientalização do currículo. **Revista Espaço do Currículo**. João Pessoa, v. 11, n. 3, p 311-324. Set/dez. 2018. ISSN: 1983-1579. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php> Acesso em: 2021.

FOUCAULT, M. A Arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

GIRALDO-GIL, Elida. Revisando las Prácticas Educativas: una Mirada Posmoderna a la Relación Género-Currículo. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 12, n. 1, Março, 2014. ISSN: 2027-7679. Disponível em: <http://revistaumanizales.cinde.org.co/rlicsnj/index.php/Revista-Latinoamericana/article/view/1122/488> > Acesso: 2020.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Secretaria de Políticas para as Mulheres**. Manual para Uso não Sexista da Linguagem: O que bem se diz bem se entende. Porto Alegre, 2014. PDF. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3034366/mod\\_resource/content/1/Manual%20para%20uso%20n%C3%A3o%20sexista%20da%20linguagem.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3034366/mod_resource/content/1/Manual%20para%20uso%20n%C3%A3o%20sexista%20da%20linguagem.pdf). Acesso em: 2020.

GUIZZO, Bianca. Corpo, gênero e sexualidade: articulações possíveis entre trabalhos acadêmicos e escola. **Revista Ensino de Ciências e Humanidades**. Humaitá. v. II, n. 2, Julho-Dezembro. 2018. ISSN: 2594-8806. Disponível em: <http://www.periodicos.ufam.edu.br/rech>>. Acesso em: 2019.

GUIZZO, Bianca. RIPOLL, Daniela. Gênero e Sexualidade na Educação Básica e na Formação de Professores: limites e possibilidades. **HOLOS**, v. 6. 2015. ISSN: 1807-1600. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/2945/1243> > Acesso 2020.

HAGUETTE, Teresa. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis. Vozes. 1987.

JESUS, Jaqueline. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. 2 ed. Goiânia. Ser-Tão. 2012. Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e

demais transgêneros, para formadores de opinião. Disponível em: <https://www.sertao.ufg.br/n/35655-orientacoes-sobre-identidade-de-genero-conceitos-e-termos>. Acesso em: 2020.

JUNQUEIRA, Rogério. **Homofobia & Educação**: um desafio ao silêncio. Brasília. LetrasLivres. 2009.

LENOIR, Timothy. **Instituindo a ciência**: a produção cultural das disciplinas científicas. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

LIMA, Ana Cristina. SIQUEIRA, Vera Helena. Ensino de Gênero e Sexualidade: diálogo com a perspectiva de currículo CTS. **Revista de Educação em Ciência e Tecnologia ALEXANDRIA**, v. 6, n. 3, Novembro, 2013. ISSN: 1982-5153. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/alexandria/article/view/38022/29022> > Acesso: 2020.

LINHARES, Sérgio. **Biologia hoje**. 3 ed. São Paulo: Ática. 2016.

LIONÇO, Tatiana. DINIZ, Débora. **Homofobia & Educação**: um desafio ao silêncio. Brasília. LetrasLivres. 2009.

LOPES, Beliza. O Ensino de Gênero e Sexualidade na Formação de Professores. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN: 2179-510X. Disponível em: [http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1497836421\\_ARQUIV\\_O\\_FazendoGenerorevisado.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1497836421_ARQUIV_O_FazendoGenerorevisado.pdf) > Acesso: 2020.

LOPES, Sônia. **BIO**. 3 ed, v. 3. São Paulo: Saraiva. 2016.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 6 ed. Rio de Janeiro: Petrópolis. 2003.

LÜDKE, Menga. ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU. 1986.

MACHADO, Vitor. SASSERON, Lucia. As perguntas em aulas investigativas de Ciências: a construção teórica de categorias. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 12, n. 2, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbpec/article/view/4229>. Acesso em: 2021.

MADUREIRA, Ana Flávia. **Gênero, sexualidade e diversidade na escola**: a construção de uma cultura democrática. Orientadora: Profa. Dra. Angela Maria Cristina Uchôa de Abreu Branco. 2007. 428 p. Tese (Doutorado Em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1610/1/Tese\\_AnaFlaviaAmaralMadureira.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1610/1/Tese_AnaFlaviaAmaralMadureira.pdf). Acesso em: 2021.

MARTINES, Elizabeth. ROSSAROLLA, Juliana. Sexo e Sexualidade: tabu, polêmica ou conceitos polissêmicos? Reflexões sobre/para a formação de educadores. **Revista**

**Exitus**, v. 8, n 2, Maio/Agosto, 2018. ISSN: 2237-9460. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/537/348> > Acesso: 2020.

MARTINS, Eliecília. HOFFMANN, Zara. Os papéis de Gênero nos Livros Didáticos de Ciências. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 9, n. 1, 2007. ISSN: 1415-2150. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/ensaio/article/view/9975> > Acesso: 2020.

MOORE, Hanrietta. **Understanding sex and gender**. In: Tim Ingold (ed.). Companion Encyclopedia of Anthropology. Londres: Routledge, 1997, p. 813-830 (Tradução de Júlio Assis Simões para uso didático). Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/269229/mod\\_resource/content/0/henrietta%20moore%20compreendendo%20sexo%20e%20g%C3%AAnero.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/269229/mod_resource/content/0/henrietta%20moore%20compreendendo%20sexo%20e%20g%C3%AAnero.pdf) Acesso: 2020.

MORAES, Roque. GALIAZZI, Maria. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 12, n. 1, Abril, 2006. ISSN 1980-850X. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-73132006000100009&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132006000100009&lng=pt&tlng=pt) > Acesso em: 2019.

NATIVIDADE, Marcelo. Homofobia religiosa e direitos LGBT: Notas de pesquisa. **Latitude**, Alagoas, v. 07, n. 1. 2013. pp. 33- 51. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/latitude>. Acesso em: 2020.

PESSOA, Emerson. Políticas Públicas, a Atuação Docente e o Desenvolvimento de Habilidades: gêneros e sexualidades na educação básica. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, n. 12, 1º semestre, 2012. ISSN: 1519-9029. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/9326/6178> > Acesso: 2020.

PETRENAS, Rita. GONINI, Fatima MOKWA, Valeria. A Educação Sexual no Curso de Pedagogia: um processo em construção permeado por desafios e contradições. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO; 2014, Fortaleza. **Didática e prática de ensino na relação com a formação de professores**. Fortaleza: Editora da Universidade Estadual do Ceará, 2014, v.2. p. 357-369.

PINA, Carla. CAETANO, Ana Paula. Projeto “Convergir pela diversidade em Queluz”. **Revista da UIIPS – Unidade de Investigação do Instituto Politécnico de Santarém**, Vol. 5, N. 0 4, 2017 ISBN: 2182-9608 Disponível em: <http://resmi.isinapse.com/images/Publicaes-dos-Resumos-Revista-UIIPS-Congresso.pdf#page=33> > Acesso: 2020.

POCAHY, Fernando. OLIVEIRA, Rosana de. IMPERATORI, Thaís. **Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio**. Brasília. LetrasLivres. 2009.

RIO GRANDE DO SUL. *Decreto nº 49.995*, de 27 de dezembro de 2012. **Manual para o uso não sexista da linguagem**. Diário Oficial do Estado nº 248, 28/12/12. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3034366/mod\\_resource/content/1/Manual%2](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3034366/mod_resource/content/1/Manual%2)

[Opara%20uso%20n%C3%A3o%20sexista%20da%20linguagem.pdf](#) > Acesso em: 2020.

RIOS, Roger. SANTOS, Wederson. **Homofobia & Educação**: um desafio ao silêncio. Brasília. LetrasLivres. 2009.

RODRIGUES, Beatriz. Diversidade sexual, gênero e inclusão escolar. **Revista Brasileira de Educação Básica**. Belo Horizonte, v. 2, n. 6, Novembro-Dezembro. 2017. ISSN: 1809-449X. Disponível em: <https://rbeducacaobasica.com.br/>>. Acesso em: 2019.

RODRIGUES, Adriana. SALLES, Gilsani. **Educação Sexual, Gênero e Diversidade Sexual**: formação de professoras e alunas multiplicadoras como metodologia de ensino. In: SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 2, 2011, Londrina. **Anais**. Paraná: EDUEL, 18-19 dez. GT6 – 2.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. 2004.

SANTANA, Jaqueline. SANTOS, Vanessa. A inserção de conteúdos sobre identidade de gênero na escola: uma visão a partir de noções sobre conhecimento/saberes. **Research, Society and Development**, v. 7, n. 9, Junho, 2018. ISSN: 2525-3409. Disponível em: <https://rsd.unifei.edu.br/index.php/rsd/article/view/451/341> > Acesso: 2020.

SANTOS, Claudiene; RAMOS; TIMM; CABRAL; LOBO. **Diversidade Sexual na Escola e Homofobia: a capacitação de professores como estratégia de intervenção**. Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder. Florianópolis: Ed. UFSC. 2008.

SANTOS, Fernanda. SOUZA, Marcos. Corpo, gênero e sexualidade na escola: sob um fio de malabarismo em sala de aula. **Revista Tecné, Episteme y Didaxis: TED**, Outubro, 2014. ISSN: 2323-0126. Disponível em: <https://revistas.pedagogica.edu.co/index.php/TED/article/view/3208/3018> > Acesso: 2020.

SILVA, Denise. ROCHA, Cristianne. Gênero e diversidade sexual na escola: apresentação do dossiê. **Revista de educação, ciência e cultura**, v. 24, n. 3, 2019. ISSN: 22236-6377. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/6276/pdf>. Acesso: 2020.

SILVA, Rafaela. **A tradução de pronomes de gênero não-binário e neutro na legendagem**: uma análise dos seriados Carmilla e One day at a time. Orientadora: Profa. Dra. Elizamari Rodrigues Becker. 2018. 81 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação Bacharel em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/193045/001091105.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 2021.

SILVA, Renata. BORNIA, Josiane. Homofobia: a discriminação por orientação sexual e a legislação penal brasileira. **Revista Cesumar – Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**, v. 14, n. 1, 1009, p. 35-53. ISSN: 1516-2664. Disponível em: [https://www.unicesumar.edu.br/epcc-2007/wp-content/uploads/sites/87/2016/07/renata\\_silva.pdf](https://www.unicesumar.edu.br/epcc-2007/wp-content/uploads/sites/87/2016/07/renata_silva.pdf). Acesso em: 2121.

SILVEIRA, Athus. O que é sexting? Saiba tudo sobre a prática de sexo por mensagens. **Globo.com**, 23 de Março de 2019. Techtudo. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/03/o-que-e-sexting-saiba-tudo-sobre-a-pratica-de-sexo-por-mensagens.ghtml>. Acesso em: 2021.

SOLARO, Thaís. **Sexualidade e gênero na sala de aula**: abordagens didáticas e discussões. 2015. 58p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Ciências Biológicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, Jul/Dez, 1995. ISSN: 2175-6236. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso: 2019.

STAKE, Robert. Case study methods in educational research: seeking sweet water. In: JAEGER, Richard. (Ed.). **Complementary methods for research in education**. Washington, D.C.: American Educational Research Association, 1988.

SOARES, Pollianna; MARINHO-ARAÚJO, Claisy. Práticas emergentes em Psicologia Escolar: a mediação no desenvolvimento de competências dos educadores sociais. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**. São Paulo, v. 14, n. 1. 2010. P. 45-54. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pee/v14n1/v14n1a05.pdf>. Acesso em: 2020.

SOUZA, Helena. Professores, alunos, escola, saber – relações atravessadas pela contradição: entrevista com Bernard Charlot. **Cadernos de Educação**, n. 39, 2011, p. 15-35. ISSN: 2178-0789X. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1526>. Acesso em: 2121.

SOUZA, Leandro. DINIS, Nilson. Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação docente em biologia. **Pro-Posições**, v. 21, n. 3, set./dez, 2010, p. 119-134. ISSN: 1980-6248. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/index>. Acesso em: 2020.

SOUZA, Marcos. Partilhando uma experiência de ensino sobre gênero e sexualidade em um curso de formação de professores de Ciências e Biologia. **Reviste Tecné, Episteme y Didaxis: TED**, Outubro, 2014. ISSN: 2323-0126. Disponível em: <https://revistas.pedagogica.edu.co/index.php/TED/article/view/3217> > Acesso: 2020.

TONATTO, Suzinara. SAPIRO, Clary. Os novos parâmetros curriculares das escolas brasileiras e educação sexual: uma proposta de intervenção em ciências. **Psicologia & Sociedade**, v. 14, n. 2, Jul/Dez, 2002. ISSN: 1807-0310. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822002000200009&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822002000200009&script=sci_abstract&tlng=pt) > Acesso em: 2020.

TORRES, Marco. **A diversidade sexual na educação e os direitos de cidadania LGBT na escola**. São Paulo: Grupo Autêntica, 2010.

TUFANO, Douglas. **Gramática e literatura brasileira**. São Paulo: Paulus, 2005.

WEEKS, Jeffrey. **Sexuality and its discontents**: meanings, myths & modern sexualities. Londres: Routledge & Kegan Paul. 1985.

## **Apêndices**

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

---

Pesquisador responsável: Bruno dos Santos Pastoriza  
Instituição: Universidade Federal de Pelotas  
Endereço: Centro de Ciências Químicas, Farmacêuticas e de Alimentos da UFPel.  
Prédio 31, Sala da Direção, Campus Capão do Leão.  
Telefone: (053) 3275-7354

---

Pesquisa sobre “A Formação de Professores/as de Ciências Biológicas e as questões de Diversidade Sexual e de Gênero”.

Prezado(a) aluno(a):

Meu nome é Bruna Peres Viana, sou mestranda no Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática na Universidade Federal de Pelotas. Sou orientanda do Prof. Dr. Bruno dos Santos Pastoriza, e com este professor desenvolvo a dissertação com temática relacionada à formação de professores/as de Ciências da Natureza e os conceitos de Diversidade Sexual e de Gênero na Educação Básica.

Esta pesquisa tem como objetivo investigar sobre os modos como são produzidas as discussões sobre diversidade sexual e de gênero na escola, com foco na formação de licenciados/as em Ciências da Natureza, instruídos para lecionar no Ensino Fundamental e no Ensino Médio.

Para alcançar esse objetivo, solicito sua autorização para a utilização da documentação em áudio e das avaliações realizadas pelos/as alunos/as no período da prática de estágio supervisionado.

Este convite de participação se dá por reconhecimento de sua contribuição para o aprimoramento da educação, com base nas informações coletadas e reconhecidas pela pesquisadora.

As informações fornecidas por você serão tratadas com o mais rigoroso sigilo (anonimato).

Agradecemos por sua colaboração.

### TERMOS DE CONCORDÂNCIA

Concordo em participar da construção da dissertação da mestranda Bruna Peres Viana. Estou ciente de que estou sendo convidado/a a participar voluntariamente do mesmo.

**PROCEDIMENTOS:** Fui informado/a de que o objetivo geral será investigar sobre os modos como são produzidas as discussões sobre diversidade sexual e de gênero na escola, com foco na formação de licenciados/as em Ciências da Natureza, instruídos para lecionar no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, cujos resultados serão mantidos em sigilo e somente serão usadas para fins de pesquisa. Estou ciente de que a minha participação envolverá a investigação via documentação de áudio e

utilização das avaliações realizadas no período de prática de estágio supervisionado da pesquisadora.

**RISCOS E POSSÍVEIS REAÇÕES:** Fui informado/a que os riscos são mínimos, haja vista as características da pesquisa e seu formato digital, sendo possível identificar esses possíveis riscos como: (i) invasão de privacidade dos respondentes; (ii) respondentes podem revelar pensamentos e sentimentos nunca revelados.

**BENEFÍCIOS:** O benefício de participar da pesquisa relaciona-se ao fato que os resultados serão incorporados ao conhecimento científico e posteriormente a situações de ensino e aprendizagem voltadas à formação de professores de Ciências a Natureza na Escola Básica.

**PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA:** Como já me foi dito, minha participação neste estudo será voluntária e poderei interrompê-la a qualquer momento.

**DESPESAS:** Eu não terei que pagar por nenhum dos procedimentos, nem receberei compensações financeiras.

**CONFIDENCIALIDADE:** Estou ciente que a minha identidade permanecerá confidencial durante todas as etapas do estudo.

**CONSENTIMENTO:** Recebi claras explicações sobre o estudo, todas registradas neste formulário de consentimento. Os investigadores do estudo responderam e responderão, em qualquer etapa do estudo, a todas as minhas perguntas, até a minha completa satisfação. Portanto, estou de acordo em participar do estudo. Este Formulário de Consentimento Pré-Informado será assinado por mim e arquivado na instituição responsável pela pesquisa.

Cidade: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

Nome completo (legível) do sujeito da pesquisa: \_\_\_\_\_

Assinatura do sujeito de pesquisa: \_\_\_\_\_

### **DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DOS INVESTIGADORES**

Expliquei a natureza, objetivos, riscos e benefícios deste estudo. Coloquei-me à disposição para perguntas e as respondi em sua totalidade. A/O participante compreendeu minha explicação e aceitou, sem imposições, assinar este consentimento. Tenho como compromisso utilizar os dados e o material coletado para a publicação de dissertação e artigos científicos referentes a essa pesquisa. Se a/o participante tiver alguma dúvida ou preocupação sobre o estudo pode entrar em contato através do meu endereço acima. Para outras considerações ou dúvidas sobre a ética da pesquisa, entrar em contato com o Centro de Ciências Químicas, Farmacêuticas e de Alimentos da UFPel. Prédio 31, Sala da Direção, Campus Capão do Leão, Universidade Federal de Pelotas.

Prof. Dr. Bruno dos Santos Pastoriza (pesquisador, bspastoriza@gmail.com)

Apêndice B - Fichas de avaliação de Livros Didáticos de Biologia – PNLD 2018/Ensino Médio



Instituto Federal Sul-rio-grandense  
Campus Pelotas - Visconde da Graça  
Práticas Pedagógicas II  
Prof<sup>a</sup>. Bruna Peres Viana



**I. Ficha de avaliação de Livros Didáticos de Biologia – PNLD 2018/Ensino Médio<sup>11</sup>**

Grupo: ( ) A ( ) B ( ) C

DADOS DA OBRA:		
AVALIAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO	SIM	NÃO
0.1 Engloba temas relacionados à gênero, orientação sexual, identidade de gênero, sexo biológico, e/ou expressão de gênero?		
0.2 Apresenta informações relacionadas à diversidade sexual e de gênero em quadros, boxes, capítulos, e/ou unidades?		
0.3 Contém questões de avaliação específicas sobre orientação sexual e/ou identidade de gênero?		
0.4 Possui informações que relacionam orientação sexual à doenças sexualmente transmissíveis (DSTs)?		

<sup>11</sup> <https://www.fnnde.gov.br/pnld-2018/index.html>

0.5 A apresentação de informações sobre diversidade sexual e de gênero apresentam-se relacionadas e/ou próximas à imagens?		
--	--	--

**OBSERVAÇÕES E COMENTÁRIOS**

--

**II. Ficha de avaliação de Livros Didáticos de Biologia – PNLD 2018/Ensino Médio<sup>12</sup>**

Grupo: ( ) A ( ) B ( ) C

<b>CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA E CONVÍVIO SOCIAL REPUBLICANO</b>	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>
0.1 Orienta a proposta de ensino da área para uma formação humana integral que considere a diversidade de aspectos sociais e culturais relacionados às juventudes que frequentam o Ensino Médio no Brasil?		
0.2 As ilustrações retratam a diversidade de gênero e/ou diferentes sexualidades da população brasileira, não expressando, induzindo ou reforçando preconceitos e estereótipos?		
0.3 Está isenta de estereótipos e preconceitos relativos à identidade de gênero, de orientação sexual, de expressão de gênero, assim como qualquer outra forma de discriminação ou de		

<sup>12</sup> <https://www.fnde.gov.br/pnld-2018/index.html>

<p>violação de direitos humanos?</p>		
<p>0.4 A obra, como um todo, valoriza a compreensão de que os conhecimentos biológicos contribuem para o reconhecimento, o debate e o posicionamento sobre os direitos humanos de respeito à diversidade de gênero e de orientação sexual?</p>		
<p>0.5 Divulga conhecimentos biológicos para a formação de atitudes, posturas e valores, que eduquem cidadãos no contexto de relações de gênero e sexualidade, para interagirem na construção de uma nação democrática, em que todos, igualmente, tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada?</p>		
<p><b>OBSERVAÇÕES E COMENTÁRIOS</b></p>		
<p></p>		



Instituto Federal Sul-rio-grandense  
Campus Pelotas - Visconde da Graça  
Práticas Pedagógicas II  
Profª. Bruna Peres Viana



**III. Ficha de avaliação de Livros Didáticos de Biologia – PNLD 2018/Ensino Médio<sup>13</sup>**

**Grupo:** ( ) A                      ( ) B                      ( ) C

**Parecer Final**

---

<sup>13</sup> <https://www.fnnde.gov.br/pnld-2018/index.html>

## Apêndice C – Proposta de atividade prática



Instituto Federal Sul-rio-grandense  
Campus Pelotas - Visconde da Graça  
Práticas Pedagógicas II  
Prof<sup>a</sup>. Bruna Peres Viana



### **Proposta de atividade prática**

Com base nos conceitos vistos, nas discussões feitas e nas análises de materiais de apoio ao professor, como tu, professor/professora de ciências, abordaria a temática “Educação sexual” em sala de aula?

A resposta desta questão deve ser apresentada em duplas, especificamente aquelas selecionadas na aula do dia 10/09. A apresentação dar-se-á por meio de projeção de slides, que devem conter as seguintes informações:

- Dados de identificação: nome dos componentes do grupo e o ano escolar para qual se aplicaria a aula.
- Tema: um assunto específico da temática central, e o conteúdo de ciências ao qual se relaciona.
- Objetivos: o que tu pretendes que os alunos aprendam com a atividade.
- Metodologia/Desenvolvimento: a maneira que abordarás o tema, com base nos teus objetivos.
- Avaliação: qual processo de avaliação utilizarias para saber se ocorreu ensino-aprendizagem.
- Resultados esperados: a mudança que desejas a partir desta abordagem.

Os trabalhos serão apresentados em sala de aula, com tempo de apresentação de, no máximo, 15 minutos, com 5 minutos para considerações, se necessário.

Apêndice D – Ficha de avaliação da proposta de atividade



Instituto Federal Sul-rio-grandense  
Campus Pelotas - Visconde da Graça  
Práticas Pedagógicas II  
Prof<sup>a</sup>. Bruna Peres Viana



Nomes: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Tempo: \_\_\_\_:\_\_\_\_

	Satisfatório	Regular	Insuficiente
1. Dados de identificação			
2. Tema			
3. Objetivos			
4. Metodologia/ Desenvolvimento			
5. Avaliação			
6. Resultados esperados			

Observações:

